

Espiritismo: 150 Anos

Panorama Histórico e Doutrinário da
Codificação Espírita

ORGANIZAÇÃO:
ALIANÇA MUNICIPAL ESPÍRITA - AME
UBERLÂNDIA - MG

© Copyright - Aliança Municipal Espírita de Uberlândia

AME

Revisão:

Aída Maria Mendes Lima

Vânia A. Abdulmassih

Editoração Eletrônica:

Editora Oportuno

Impressão e acabamento:

Gráfica Oportuno

2ª Edição:

Agosto, 2007

Uberlândia, MG

ESPIRITISMO: 150 ANOS

Edição revista e traduzida para o Esperanto,
a Língua Internacional, do livro:

**KARDEC: 200 ANOS - Panorama histórico e doutrinário da
Codificação Espírita.** Autores diversos. Organização: Aliança
Municipal Espírita de Uberlândia, publicado em outubro de 2004.

www.amespirita.org.br amespirita@amespirita.org.br

Espiritismo: 150 Anos

Panorama Histórico e Doutrinário da
Codificação Espírita



Aliança Municipal Espírita de Uberlândia

Uberlândia – MG

2007

A palavra de ordem imperiosa e divina ainda e sempre é AMOR!

E a recomendação inoxidável para as defensivas do movimento regenerador das almas é INSTRUÇÃO!

Amor que reúne esforços e unifica corações em torno da obra grandiosa que é a evangelização do Homem.

Instrução que identifica interesses comuns nos mesmos ideais, frutificação do estudo nobilitante que sempre defenderá os sagrados patrimônios da VERDADE! [...]

Apressam-se os tempos...

Cumprir-se-ão todas as afirmativas proféticas!

O homem de bem herdarà a Terra!

Allan Kardec

(Página psicografada pelo médium Júlio César Grandi Ribeiro, na noite de 2-1-1984, na Federação Espírita Brasileira, em Brasília – DF, por ocasião da solenidade comemorativa do I Centenário da Casa-Máter do Espiritismo no Brasil e transferência de sua Sede Central para Brasília).

Arauto do Além

Kardec, facho de luz
Que do céu desceu à Terra,
Sua doutrina descerra
O Evangelho de Jesus.

Razão mesclada de amor
Rasgou o véu da incerteza
Que ofuscava a beleza
Da Vida superior.

Como celeste emissário
Da lei da reencarnação,
Provou que a evolução
Da Justiça é corolário.

Deu à dor e à liberdade
Bem nova concepção
E afirmou que a salvação
É fruto da caridade.

O Alto por suas mãos
Proclamou a igualdade
Que à luz da imortalidade
Une todos como irmãos.

Salve o Arauto do Além
Que há dois séculos conduz
O homem até Jesus
Para o primado do Bem.

Camilo Chaves

(Mensagem psicografada pela médium Giva de Freitas Teixeira Oliveira, em REUNIÃO ESPÍRITA COM PRÁTICA PSICOGRÁFICA, realizada no âmbito da Jornada de Estudos Sobre Mediunidade – 2004. Tal reunião aconteceu na noite de 27/7/2004, no Grupo Espírita Bezerra de Menezes, em Uberlândia – MG, promovida pelo Departamento de Orientação Mediúnic da Aliança Municipal Espírita de Uberlândia.)

... o Esperanto, amigos, não vem destruir as línguas utilizadas no mundo, para o intercâmbio dos pensamentos. A sua missão é superior, é a da fraternidade rumo à unidade universalista.

Emmanuel

... o Esperanto é lição de fraternidade. Aprendamo-la, para sondar, na Terra, o pensamento daqueles que sofrem e trabalham noutros campos. Com muita propriedade digo: Aprendamo-la, porque também somos companheiros vossos que, havendo conquistado a expressão universal do pensamento, vos desejamos o mesmo bem espiritual, de modo a organizarmos, na Terra, os melhores movimentos de unificação...

Emmanuel

A língua auxiliar é um dos mais fortes brados pela fraternidade que ainda se ouve nesse planeta empobrecido de valores espirituais, neste instante de isolacionismo, de autarquia, de egoísmo e de nacionalismo adulterado.

Emmanuel

Sumário

Capítulo I

De Rivail a Kardec: síntese biográfica. 15
Evandro Silva Martins

Capítulo II

“O Livro dos Espíritos” 25
Sílvio Divino de Oliveira

Capítulo III

“O Livro dos Médiuns”:
Guia para uma prática mediúnica segura..... 41
Belmiro Francisco Martins Paranhos
Florentino Gomes de Brito
José Rubens Gomes
Luiz Bertolucci Júnior
Nuciete Aparecida da Cruz
Vânia Amâncio Abdulmassih

Capítulo IV

“O Evangelho Segundo o Espiritismo”:
143 anos de publicação 69
Isabel Gervásio de Faria

Capítulo V

“O Céu e O Inferno” 81
Roberto Inocêncio da Paz
Wellington Santana Ferreira

Capítulo VI

“A Gênese” 97
Joamar Zanolini Nazareth

ESPIRITISMO: 150 ANOS

COMEMORANDO O SESQUICENTENÁRIO DE LANÇAMENTO DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, POR ALLAN KARDEC, NA CIDADE DE PARIS, EM 1857.

Desejo conhecer a Doutrina organizada por Allan Kardec ...

Gostaria de conhecer o Espiritismo ...

De observações assim é que nasceu a idéia desse projeto, idealizado e organizado pela Aliança Municipal Espírita de Uberlândia, com a colaboração de companheiros espíritas da cidade e região.

Dirigido a iniciantes, simpatizantes, expositores e estudiosos em geral, este livro objetiva ainda:

- Comemorar os 150 anos de “O Livro dos Espíritos”;
- Incentivar o estudo do Pentateuco Kardequiano, individualmente e em grupo;
- Oferecer subsídios para um estudo organizado e sistemático dos ensinamentos dos Espíritos Superiores.

Aproveitemos este ano comemorativo para ler ou reler o Pentateuco Kardequiano e, certamente, estaremos a caminho de entender e vivenciar o Espiritismo Cristão e Humanitário que o mestre francês nos legou, ditado pelos Espíritos Superiores.

Salve Paris - França, 18 de abril de 1857.

Uberlândia - MG, 18 de abril de 2007.

I - De Rivail a Kardec: síntese biográfica.

Evandro Silva Martins

1. Introdução

Há duzentos anos nascia Allan Kardec, o sistematizador da Doutrina Espírita. De sua vida apostolar muito se sabe, mas seus traços biográficos de 1804 a 1854, data do seu encontro de Damasco, permanecem, muito deles, desconhecidos.

Muitas informações foram perdidas quando os nazistas puseram abaixo a Casa dos Espíritas, após a tomada de Paris, durante a Segunda Guerra Mundial. Não fosse Canuto Abreu, André Moreil e a pesquisa minuciosa empreendida por Wantuil e Thiesen (1979), entre outros, pouco saberíamos das etapas da existência do Professor Rivail nas cinco décadas que prefaciam seu chamamento para a tarefa missionária.

Possivelmente cresceu sob os olhares atentos e cariciosos da Senhora Jeanne Louise Duhamel e do Senhor Jean-Baptiste Antoine Rivail. De 1804 a 1814, o menino Hippolyte-Léon deve ter brincado, muitas vezes, como qualquer criança de sua idade, nas margens de areias pedregosas do velho Rio Saône, que corta a milenária Lião, sua cidade natal.

Em 1814, o jovem Rivail seguiu para Yverdon para ingressar no Instituto Pestalozzi. Até 1818, sob o pálio amorável de Johann Baptist Pestalozzi, o notável educador suíço, o adolescente mergulha nos conhecimentos científicos e lingüísticos da época, a fim de preparar seu espírito para a missão a ele confiada.

Em 1824 retorna à França e vai residir em Paris. Desta data até 1848, temos o futuro codificador do Espiritismo na indumentária de um pedagogo-escritor.

Essa é a época que vamos abordar. Pouco se tem falado das obras lingüístico-literárias dessa fase. Conquanto ele tenha escrito dezenas de obras, tais como: 1824 – *Curso Prático e Teórico de Aritmética*, 1828 – *Plano para Melhoramento da Instrução Pública*, 1831 – *Gramática Francesa Clássica, Soluções Nacionais das Questões, Problema de Aritmética e Geometria, Manual dos Exames para os Títulos de Capacidade*, 1846 – *Programa dos Cursos Usuais de Química, Física, Astronomia e Fisiologia*, 1848 – *Catecismo Gramatical da Língua Francesa para os iniciantes no idioma, Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas – pontos para exames, Ditados normais dos exames do Hotel de Ville e da Universidade de Sorbonne, deter-nos-emos na capa de sua primeira obra, publicada em 1824.*

Não pudemos compulsar as suas obras dessa fase já que o acervo, com toda certeza, encontra-se em bibliotecas francesas de difícil acesso e, em razão disto, vamos nos ater à capa da obra editada em 1824 e estampada em Wantuil e Thiesen, em 1979. Os dizeres ali colocados por Rivail permitem uma série de reflexões sobre a influência de Pestalozzi na sua obra didática, a prática do ensino pestalozzi-rivailiano e notas sobre seu nome de batismo. Passemos, então, à análise.

Com apenas vinte anos de idade, quando a maioria dos jovens adentra a sociedade à busca de emoções, Rivail publica em Paris, o *Curso Prático e Teórico de Aritmética*.

Tomemos a capa do mencionado livro, em dois tomos, formato in-12, num total de 624 páginas, publicado pela Tipografia de Pillet-âiné. Logo após o título da obra, lê-se “d’après la méthode de Pestalozzi”.



2. O Método Pestalozziano e a Obra de Rivail

No Brasil e, mormente na família espírita, há um completo desconhecimento da obra de Pestalozzi. Enquanto, no mundo, segundo os estudiosos, haja mais de doze mil títulos, entre livros, teses e artigos, no mundo universitário brasileiro, o número não chega a meia dúzia de obras. A maioria desses livros tangencia tão somente o pensamento de Pestalozzi, não chegando a uma exegese acadêmica como tem ocorrido na Europa.

Embora não mergulhemos na sua obra, pelas razões apontadas, vamos, perfunctoriamente, alinhar algumas idéias do eminente mestre de Kardec.

Dora Incontri (1996), respeitada pesquisadora da obra de Pestalozzi, nos diz que:

conhecer Pestalozzi pelo método é conhecer a casca do seu pensamento, pois é concebê-lo apenas como uma praxis pedagógica, ignorando que ele está intimamente embasado numa filosofia de educação (Incontri, 1996, p.15).

A filosofia de educação de Pestalozzi centra-se no desenvolvimento integral do ser. Ele apostrofa que cultivar apenas uma faceta da personalidade humana em prejuízo das demais é prejudicial, danoso, pois não leva a uma educação perfeita. Corrobora o que nos diz Lopes (1981), quando cita trecho da obra de Pestalozzi, denominada “O Canto do Cisne”:

Qualquer desenvolvimento unilateral de nossas forças não é mais que uma aparência de educação. É o metal sonante ou a campainha da educação, porém, não é realmente a educação. A parcialidade no desenvolvimento destas forças conduz à desintegração e à morte do conjunto da natureza do homem, que só deve desenvolver-se de modo adequado. É verdade incontrovertível que o realmente educativo e formativo está unicamente naquilo que envolve o conjunto das forças da natureza do homem, isto é, coração, cérebro e mão. O curso

de exercícios morais põe em movimento as forças espirituais e físicas do menino; o curso do desenvolvimento intelectual desenvolve também o coração e os órgãos corporais, ao passo que a ginástica do corpo, por sua vez, desenvolve a natureza humana e moral.

Apoiando-se no coração, forma metafórica como se apresenta o amor, encontramos uma série de fragmentos nas suas obras que nos oferecerá um embasamento para conhecer suas idéias sobre este sentimento básico para a educação.

Assevera-nos o gigante de Zurique que:

Sem o amor as forças físicas e intelectuais não encontram pleno desenvolvimento. O Amor é o único e duradouro fundamento sobre o qual pode a nossa natureza ser educada para a humanidade. Inumeráveis crianças livraram-se da tentação ao pensar no amor de seus pais. O ensino, em si mesmo, é neutro. Não promove amor nem ódio. A razão é que nele não está a essência da educação. Esta consiste no amor. Só o amor é a eterna fonte da divindade que está entronizada dentro de nós. Ela é o núcleo de onde emana o essencial da educação. O amor não tiraniza: cria e constrói. Assim como o olho quer ver, o ouvido quer ouvir, o pé quer andar e a mão agarrar, também o coração quer crer e o amor e o espírito querem pensar.

Como se pode observar a primeira obra escrita por Rivail encontrava respaldo nas idéias de Pestalozzi, quando se preocupava em dar um caráter didático à obra voltada tanto para os professores quando para os progenitores do aprendiz, sobretudo as mãezinhas. É importante notar que o livro não era uma cópia do pensamento do mestre, mas contava, também, com a genialidade de Kardec. Suas pregressas encarnações, ora como sacerdote druida, cuja função era orientar a juventude, ora como João Huss, o notável educador checo, por certo fizeram vir à tona as condições para com tão pouca idade produzir obras tão polimórficas, da Aritmética à Física, da Literatura à Lingüística.

3. A Obra sobre Matemática e as Mães

Pestalozzi dava extraordinária importância à presença da família na educação dos filhos. Hoje, boa parte dos livros, voltados para a educação da juventude, desconhecem a importância da maternidade como fonte educadora. O Professor Rivail houvera aprendido em Yverdon, nas inúmeras aulas a que assistira e na incontáveis em que substituíra o mestre, que:

A vida educa.

O lar é a escola onde o homem recebe o melhor treinamento para a vida, seja pública ou particular.

Porém, não vives na Terra unicamente para ti. A natureza te educa para as relações exteriores e pelas relações exteriores.

É bom e conveniente que as crianças aprendam algumas coisas, porém para elas o mais importante é ser alguma coisa.

Para se conseguir sabedoria e tranqüilidade o processo de educação do homem deve ser simples e de aplicação universal.

O lar é o fundamento de toda educação natural da humanidade.

A casa paterna é a escola dos costumes e do estado.

Não a arte, nem os livros, mas a própria vida é o fundamento da educação e da instrução.

A vida educa; mas a vida que educa não é uma questão de palavras, mas de ação. É atividade.

É bom ensinar a criança a ler, escrever e recitar, porém é muito mais importante ensiná-la a pensar. (apud Lopes, 1981, p. 110-114).

O conceito de educação, como se vê, é dinâmico. Não se prende à mera instrução, a camadas superpostas de informações. Muito mais do que isto, educação se faz no lar, na vida, usando a mente e as mãos.

Nos dias de hoje, tem-se dado extraordinário valor ao ato de instruir. Vivemos num século em que a massa de informações que o ser humano pode buscar é incomensurável. Basta um provedor e temos acesso a uma rede de informações, por meio do computador, como nunca ocorreu dantes. No entanto, nunca a humanidade esteve tão órfã de educação. Por esta razão, a colocação de Rivail, mostrando que as mães entenderiam o seu texto sobre Aritmética e poderiam repassá-lo aos filhos, no ambiente doméstico, é sintomática e notável.

4. O antropônimo Hippolyte-Léon Denizard Rivail

Na capa da obra *Curso Prático e Teórico de Aritmética*, está o nome de H. L. D. Rivail que se autodenomina “discípulo de Pestalozzi”. Assim, vamos estudar as bases etimológicas do nome de batismo de Kardec. Para isso, vamos nos socorrer dos estudos da antroponímia, porque com o auxílio dos antropônimos, os nomes das pessoas, podemos reconstituir, conforme nos ensina *Albert Dauzat*, fatos culturais e históricos relevantes. Não é só a etimologia um dos aspectos importantes da antroponímia, mas com o estudo etimológico podemos esclarecer a causa ou as causas por que tal nome foi dado pela primeira vez.

Raros se debruçaram no estudo do nome de batismo do insigne codificador do Espiritismo. No entanto, o estudo do nome *Hippolyte-Léon Denizard Rivail* vai nos trazer informações curiosas.

Como é consabido, ele nasceu às 19 horas do dia 3 de outubro de 1804, na cidade de Lião, filho de Jean-Baptiste Antoine

Rivail, homem de leis, juiz, e de Jeanne Louise Duhamel, mulher notavelmente bela, prendada, elegante e afável. Herdou do pai o nome de família Rivail, no entanto, o nome é composto de Denizard Rivail. Por que Denizard? De onde teria vindo esse nome?

Albert Dauzat, um dos lúcidos estudiosos, na França, da Antroponímia, nos esclarece que é muito comum colocar nas crianças nomes que **Ihe** serviriam de proteção. Durante muitos anos, no Brasil, muitos meninos tinham os seus nomes retirados das folhinhas e dos almanaques. Esses nomes pertenciam a santos da hagiografia católica. Nomeando as crianças com os nomes de santos, colocá-las-iam sob a proteção divina.

Vejamos o que ocorre com o nome de batismo de Kardec. Para esses esclarecimentos vamos nos socorrer dos conhecimentos do extraordinário filólogo espírita, Doutor Canuto Abreu, possivelmente a maior autoridade nos dados biográficos de Kardec. No artigo estampado na revista “Santa Aliança”, de fevereiro de 1956, ele esclarece que a inversão que se vê em algumas edições do prenome de Kardec se deve aos companheiros da *Société Parisienne des Études Spiritistes*. Seus amigos inverteram os primeiros apelidos, escrevendo Léon-Hippolyte em vez de Hippolyte-Léon.

Concernente à etimologia do nome, vamos dar a palavra ao Doutor Canuto Abreu. Este percuciente estudioso da obra kardequiana, nos seus primórdios, afirma o seguinte:

Segundo creio, o nome denizard deriva da velha expressão latina Dionysos Ardenae, designativa de Deus Dyonisio, da Floresta de Ardenas. Dentro dessa imensa mata gaulesa que Júlio César calculava em mais de 500 milhas, os Druidas celebravam as evocações festivas do Deus Nacional da Gália, denominado Te-Te-Te, Altíssimo, representado por um carvalho secular.

À sombra do carvalho divino os legionários romanos, após a derrota de Vercingetorix, ergueram a estátua do Deus

Dionysius, também conhecido pelo nome de Bacchus, deus das selvas, das campinas, das uvas, dos trigais, amante da rusticidade e da liberdade. E, de conformidade com o costume dos conquistadores, inscreveram uma legenda latina ao pé do monumento. Supõe-se que rezava assim: Dionysio Rústico Eleuthero, com a significação de Dionísio campestre em liberdade.

Dionysius sofreu a evolução simplificativa Dionysio-Dionys-Denis. Ardenae, latinização de ard-nae, mata grande, que se simplificou em ard”. Daí para Denizard, com o grafema –z e não –s.

Tinha razão o lingüista Dauzat. O pai do futuro codificador da Doutrina, o senhor Antoine Rivail, católico de formação, consagra o menino a Denis-ard, evocativo e Protetor Espiritual da França.

5. Kardec, o demiurgo

Consoante já falamos, de 1824 até 1848, vemos o Professor Rivail como homem e mestre. Homem que pauta sua vida pelos deveres éticos da sociedade e mestre que leciona para a juventude francesa os conhecimentos da época. Espírito eclético trabalha em todos os campos da ciência e se aprofunda nos estudos lingüísticos. Para Vianna de Carvalho “ele não prega a justiça – cultua-a nos atos; não fala do amor – expande-o no santuário-escola” (Vianna de Carvalho, 1983, 18).

Consideramos essa fase como o momento preparatório de Allan Kardec. Para as lutas homéricas que deveria travar, era necessário que seu espírito recordasse o ontem por meio das atividades educacionais, criasse um nome que pudesse produzir respeito nos seus contemporâneos e uma vez construída esta etapa, era mister colocar no palco a figura do druida. Surgiria, daí por diante, Allan Kardec, cuja glória sem auréolas humanas permanece inatingível, inabalável. Glória porque se esquece de si mesmo para servir à humanidade, vivendo Jesus.

Tudo se encadeia. De Rivail a Kardec não temos um interregno, mas sim um traço de união. Em Rivail, a semente; em Kardec, o desabrochar do carvalho vigoroso, sob cujos galhos a humanidade encontrará o apoio para a grande jornada rumo ao zênite de sua evolução.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Canuto. *O livro dos espíritos e a sua tradição histórica e lendária*. São Paulo / SP: Lar da Família Universal, 1992.
- AMORIM, Deolindo. *Allan Kardec*. Juiz de Fora (MG): Instituto de Maria, 1981.
- CARVALHO, Vianna de (espírito). *À luz do Espiritismo*. Psicografia de Divaldo Pereira Franco. Salvador/Bahia: Livraria Espírita Alvorada, 1983. Federação Espírita do Paraná, 1988.
- IMBASSAHY, Carlos. *A missão de Allan Kardec*. Curitiba / PR: Federação Espírita do Paraná, 1988.
- INCONTRI, Dora. *Pestalozzi: educação e ética*. São Paulo / SP: Scipione, 1997.
- LOPES, José Luciano. *Pestalozzi e a educação contemporânea*. Duque de Caxias / RJ: Centro de Editoração e Jornalismo da AFE, Maria, 1981.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Allan Kardec (o druida reencarnado)*. Capivari / SP: Editora EME, 1996.
- MOREIL, André. *Vida e obra de Allan Kardec*. Tradução de Miguel Mailliet; revisão doutrinária de J. Herculano Pires. São Paulo / SP: Edicel, 1986.
- WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec* (meticulosa pesquisa bibliográfica). Rio de Janeiro / RJ: Editora da Federação Espírita Brasileira, 1979.

II - “O Livro dos Espíritos”

Sílvio Divino de Oliveira

1. Histórico da Obra

A história do Espiritismo passa, necessariamente, por Hydesville, pequeno vilarejo situado nos Estados Unidos da América, onde vivia, numa modesta vivenda, a família Fox. Como é sabido, ali aconteceram insólitos fenômenos de efeitos físicos, funcionando como médiuns involuntárias as irmãs Fox (Margaret, Kate e Leah), ainda muito jovens. O comunicante invisível promovia pancadas pela casa, assustando toda a família. Convencionou-se, então, um alfabeto em que cada letra era representada por um determinado número de pancadas e em 31 de março de 1848 foi estabelecido um diálogo com o “fantasma”. Sua história foi revelada. Fora um vendedor ambulante, assassinado por antigos moradores daquela casa e enterrado no porão. Mais tarde, essa história incrível foi inteiramente confirmada, encontrando-se os restos mortais do comunicante.

As meninas Fox viajaram e onde se hospedavam aconteciam fenômenos semelhantes. Outra particularidade interessante foi descoberta. Notou-se que possuíam uma faculdade especial, e depois verificou-se que outras pessoas também eram dotadas dessa faculdade, qual seja: ao contacto de suas mãos uma pequena mesa levantava, dava pancadas.

Surgiu a época das mesas girantes, cuja fama espalhou-se rapidamente. Da América se estendeu para a Europa, qual rastilho de pólvora, chamando a atenção do mundo inteiro. Tornou-se brincadeira e passatempo nos salões aristocráticos e lares da sociedade de então.

Foram as mesas girantes e, depois, falantes que chamaram a atenção do circunspecto Prof. Hippolyte-Léon Denizard Rivail para os fenômenos espíritas, em Paris, França.

A princípio, os observadores mais sérios, entre eles o insigne professor Rivail, supunham que tudo fosse consequência da ação de um fluido magnético, cujas propriedades precisavam ser melhor conhecidas.

Em fins de 1854, o Sr. Fortier, amigo pessoal de Rivail, trouxe-lhe a estranha nova. As mesas não só movimentavam ou batiam; respondiam agora a perguntas inteligentes, através de curioso alfabeto, convencionado por intermédio de determinado número de pancadas. Denizard Rivail, até então, não havia presenciado pessoalmente o fenômeno. Personalidade grave, não se interessava por aquelas frivolidades ou modismos da época. Respondeu ao amigo entusiasta, como verdadeiro homem de razão científica: *Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé.* ⁽¹⁾

Foi em maio de 1855, que Rivail, convidado para assistir a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison, presenciou pela primeira vez o fenômeno das mesas girantes, em condições tais que não deixava a menor dúvida quanto a sua autenticidade.

Os fatos posteriormente observados por Rivail, por intermédio de diversos médiuns, foram de tal forma evidentes que levaram o culto mestre a afirmar, mais tarde: *Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.* ⁽²⁾

Rivail continuou a freqüentar por algum tempo as reuniões na casa da Sra. Plainemaison, onde efetuou cuidadosas observações. Depois foi convidado a comparecer às sessões realizadas na casa da família Baudin, encontrando aí o ambiente adequado para

prossequir os seus estudos. Em 1856, as experiências mediúnicas realizadas no seio dessa respeitável família contavam com a presença de seleta e numerosa assistência. “O Livro dos Espíritos” foi ali começado e feito em grande parte. Quando inicialmente lá compareceu, o professor Rivail encontrou a realização de reuniões fúteis, sem objetivos sérios. A sua presença, contudo, mudou o teor das experiências. Eis como procedia o mestre lionês, segundo suas próprias palavras: *Levava para cada sessão uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. Eram sempre respondidas com precisão, profundidade e lógica. (...) Eu, a princípio, cuidara apenas de instruir-me; mais tarde, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a idéia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente.* ⁽³⁾

O codificador contaria, porém, com a colaboração de outros médiuns, contribuições enviadas por correspondentes e especialmente contou com o concurso mediúnico da Srta. Japhet, em casa do Sr. Roustan, onde foi feita a revisão da obra, em reuniões íntimas, longe portanto dos comentários prematuros do público, trabalhando em particular, apenas o codificador e a médium, em dias e horas predeterminados pelos espíritos.

O Missionário, porém, cuidadoso e perspicaz, não se contentou com a revisão feita com a colaboração da dedicada Srta. Japhet e assim procedeu: *Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para propor algumas das questões que pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, que apareceu em 18 de abril de 1857.* ⁽⁴⁾

Raiava assim para a Humanidade um novo tempo, a Era do Espírito.

Um fato histórico a destacar é o nome utilizado, pelo codificador, para assinar a obra. O seu nome civil era muito conhecido e respeitado nos meios culturais da França. Movido por um sentimento de humildade e considerando ainda que a obra pertencia aos espíritos, o mestre resolveu assiná-la com o pseudônimo Allan Kardec, nome que segundo lhe revelara um espírito protetor, ele tivera, em reencarnação anterior, ao tempo dos druidas.

A primeira edição de “O Livro dos Espíritos” era constituída apenas de 501 questões, divididas em três partes. Parece-nos proposital, uma estratégia mesmo dos Espíritos Superiores que orientaram o codificador, oferecerem gradualmente a nova revelação, dando tempo ao amadurecimento das opiniões no vasto campo das idéias.

Somente em março de 1860, a *Revista Espírita* anunciava a venda da 2ª edição de “O Livro dos Espíritos”, inteiramente refundida e consideravelmente aumentada, contendo 1019 questões, divididas em quatro partes. Essa segunda edição se tornou definitiva e chegou aos nossos dias, passando a ser adotada no mundo inteiro. Além das 1019 questões, conta ela com a magistral “Introdução” de Allan Kardec, “Prolegômenos” e a “Conclusão”, dividida em 9 partes.

(1) Allan Kardec: “Obras Póstumas”, 25. ed., FEB, p. 265

(2) Id., ib., p. 267

(3) Id., ib., p. 269/270

(4) Id., ib., p. 270/271

2 . Obras Subsidiárias para o Estudo de “O Livro dos Espíritos”

Em nossa modesta opinião, antes de recorrer a obras subsidiárias ou complementares, que facilitem ou ampliem a compreensão dos princípios contidos em “O Livro dos Espíritos”, deverá o interessado, seguramente, recorrer ao estudo das demais obras de Allan Kardec, especialmente as quatro que complementam a Codificação: “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e “A Gênese”.

Segundo a abalizada opinião do saudoso professor Herculano Pires, em sua “Introdução ao Livro dos Espíritos”, escrita para a edição traduzida por ele e publicada pela Livraria Allan Kardec Editora, esses quatro livros, na verdade, representam desdobramentos ou ampliações dos conceitos enfeixados em “O Livro dos Espíritos”. Inclusive, uma análise mais criteriosa aponta claramente as várias zonas do texto, correspondentes aos quatro livros citados.

Fácil concluir, pois, que uma compreensão mais clara e aprofundada de “O Livro dos Espíritos” passa naturalmente pelo estudo das demais obras da codificação.

Afora as colocações mencionadas, que dão ênfase ao estudo do Pentateuco kardequiano, em toda a sua granítica composição, queremos ressaltar que “O Livro dos Espíritos” é uma obra monumental de cultura e saber, extraordinária síntese da Doutrina Espírita. Nela está contida a totalidade dos princípios doutrinários. Conclui-se, assim, que todas as obras subsidiárias, sérias e construtivas, fiéis à base kardequiana, sejam de caráter científico, filosófico ou religioso, contribuem para ampliar o seu entendimento.

Não obstante, entre tantas outras, apontamos as seguintes, como particularmente propícias a auxiliar o estudo e a compreensão da obra básica em questão:

A CONSTITUIÇÃO DIVINA – Richard Simonetti. Gráfica São João Ltda
AS DORES DA ALMA – Francisco do Espírito Santo Neto/Hammed. Boa Nova Editora
AS LEIS MORAIS – Rodolfo Calligaris. FEB
AS LEIS MORAIS DA VIDA – Divaldo P. Franco/Joanna de Ângelis. LEAL
ESTUDE E VIVA – F. C. Xavier e Waldo Vieira/Emmanuel e André Luiz. FEB
LIÇÕES PARA FELICIDADE – Divaldo P. Franco/Joanna de Ângelis. LEAL
“O LIVRO DOS ESPÍRITOS PARA A JUVENTUDE” – Eliseu Rigonatti. Editora Pensamento
A PRESENÇA DE DEUS - Richard Simonetti. Gráfica São João Ltda
QUEM TEM MEDO DOS ESPÍRITOS? – Richard Simonetti. Gráfica São João Ltda
RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS - F. C. Xavier/Emmanuel. FEB
UM JEITO DE SER FELIZ – Richard Simonetti. Gráfica São João Ltda
VIVER EM PLENITUDE – Richard Simonetti. Gráfica São João Ltda
SINOPSE DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” – Áulus Araújo. Gráfica e Editora Espírita Paulo de Tarso

3. Sugestão de Roteiro de Estudo de “O Livro dos Espíritos” Individual e em Grupo

“Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres”. São palavras de Jesus que, sabiamente, exortam à libertação da ignorância, mas para tanto se faz mister o estudo. Estudar, porém, não é apenas ler ou ouvir. Envolve atividade mental, reflexão, análise e, sobretudo, assimilação do que está sendo estudado. Para isso é imprescindível que o estudo seja sério, sistemático, metódico e persistente. Em grupo ou individualmente, a aprendizagem eficaz depende do interesse, da boa vontade

e da aplicação com que a pessoa se disponha às lições. Os benefícios do estudo são, entre outros, a renovação das idéias, o esclarecimento íntimo, a elevação dos sentimentos, a sintonia com os espíritos mais elevados, o discernimento que nos leva a realizar melhor nossas tarefas, além de ampliar o vocabulário e exercitar a inteligência.

Estudar *O Livro dos Espíritos* é descortinar conhecimento em todos os aspectos fundamentais da vida. É preparar-se para aproveitar as oportunidades concedidas por Deus, tanto na Terra quanto nos Círculos Espirituais.

Dessa forma, apresentamos algumas sugestões para compulsar essa notável obra, patrimônio da humanidade, com o objetivo de tirar o melhor proveito do tempo que se investe no aprendizado:

a) Iniciar o estudo pela “Introdução” feita por Allan Kardec e, em seguida passar aos “Prolegômenos”. Essas duas dissertações que antecedem as perguntas são riquíssimas em informações e esclarecimentos prestados pelo codificador e pela plêiade de espíritos encarregados do trabalho da Terceira Revelação. O estudo criterioso dessas partes trará ao aprendiz novas luzes ao seu entendimento.

b) *O Livro dos Espíritos* foi codificado por um eminente pedagogo – Kardec – e por isso mesmo já está didaticamente organizado em assuntos, capítulos e partes. As perguntas estão encadeadas numa perspectiva numérica ascensional que parte do simples para o complexo, do experimental para o filosófico e do concreto para o abstrato. Ele já se encontra, portanto, na ordem ideal para o aprendizado, bastando estudá-lo na seqüência em que se apresenta.

c) É de fundamental importância ler a pergunta e procurar entendê-la antes de buscar a resposta. As perguntas são inteligentíssimas e vale a pena compreendê-las bem. As respostas, por terem sido dadas pelos Espíritos Superiores, são sábias e

revelam um conhecimento muito elevado, merecendo reflexão acurada. Não se deve ter pressa de passar adiante. A tranquilidade e a paciência também cooperam na aprendizagem.

d) Voltar às questões anteriores, sempre que preciso, para entender com clareza o que se estuda no momento. Consultar o dicionário, enciclopédia e obras subsidiárias, se necessário, para clarear o entendimento.

e) O estudo pode ser levado a efeito tanto individualmente quanto em grupo. Nas Casas Espíritas, os grupos de estudo bem orientados apresentam a vantagem da troca de experiências, da ampliação da visão, do enriquecimento das idéias e até mesmo do entrelaçamento fraterno das pessoas. O andamento dos estudos depende do tempo de duração da reunião, do número de pessoas e até do nível cultural dos participantes. Não se deve, pois, fixar o número de questões, que devam ser estudadas em cada encontro.

f) No caso específico do estudo em grupo, os coordenadores deverão lançar mão de técnicas dinâmicas, que despertem o interesse de todos, tais como: painel aberto, painel integrado, GV e GO, entre outros. A utilização de recursos variados torna a reunião motivada, descontraída e muito proveitosa em nível de aprendizagem.

g) Algumas questões de *O Livro dos Espíritos*, após a resposta dada pelos Benfeitores, apresentam comentários e notas, muito oportunas e esclarecedoras, elaboradas por Kardec e que muito auxiliam na aprendizagem e compreensão do texto. Ao demais, há itens extensos, como a questão 222, 257 e 455, entre outras, que demandarão mais de uma reunião para serem estudadas. Vale a pena gastar muitas horas de estudo para aprender tudo o que está exposto num item. “Não temais em nos fatigar com vossas perguntas”, afirmaram São Luís e Santo Agostinho (questão 495), e nós repetimos, não temamos nos fatigar com o estudo!... Ao final do livro, termina-se o aprendizado com a brilhante “Conclusão” do codificador.

4. Sugestão de Roteiro de Palestra

TEMA: A LEI DO PROGRESSO

OBJETIVOS

Levar o público a refletir sobre:

- a) a Lei de Progresso que a tudo preside;
- b) a diferença entre o progresso moral e o intelectual;
- c) a lógica e a justiça da reencarnação no progresso dos povos;
- d) a contribuição do Espiritismo para o aperfeiçoamento da Terra;
- e) as características da civilização, que deverá florescer no mundo renovado do grande amanhã.

INTRODUÇÃO

Salientar que o Progresso é Lei Divina que abrange toda a Criação.

DESENVOLVIMENTO

Abordar o tema, comentando o roteiro de tópicos sugeridos.

CONCLUSÃO

Concluir, destacando a contribuição do Espiritismo para o progresso da humanidade e enfocando a tão sonhada e definitiva vitória do Evangelho de Jesus no coração dos homens.

FONTES DE CONSULTA:

- “O Livro dos Espíritos” – Perg. 776 a 802;
- “O Evangelho Segundo o Espiritismo” – Cap. XVII, itens 3 e 4;
- “A Gênese” – Cap. XVIII.

RECURSOS

Os dez itens do roteiro sugerido abaixo poderão ser apresentados ao público com a utilização de recursos tais como:

- Quadro-de-giz e giz
- Cartazes
- Transparências para retroprojektor
- *Data - show*

ROTEIRO – ITENS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS COMENTÁRIOS

- 1 – A infância da humanidade
- 2 – O homem progride sempre
- 3 – Qual é o maior obstáculo ao progresso moral?
- 4 – O progresso moral e o progresso intelectual
- 5 – O progresso dos povos e a justiça da reencarnação
- 6 – Qual o papel dos homens de gênio?
- 7 – O que seria uma civilização completa?
- 8 – O Espiritismo contribuirá para o progresso da humanidade?
- 9 – Qual será a maior contribuição do Espiritismo para o progresso?
- 10 – Quais as características da civilização, para cujo surgimento o Espiritismo contribuirá decisivamente?

SÍNTESE QUE SE SUGERE PARA OS COMENTÁRIOS

1 – “O estado natural é a infância da humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral”. Assim como a criança cresce e desenvolve-se, caminhando para a vida adulta, a humanidade, também, caminha sempre na direção do

progresso para chegar à maioria intelectual e moral. Os povos bárbaros ou semi-bárbaros, vivendo apenas da caça e da pesca, embrenhados na floresta, em constante luta com as forças da natureza agreste e envolvidos em guerras intermináveis com os rivais do mesmo nível evolutivo, bem representam esse estado de infância da humanidade.

2 – A marcha do progresso é contínua e o homem avança sempre no rumo do aperfeiçoamento. Jamais retrograda, “mas nem todos progridem ao mesmo tempo e da mesma maneira”. O contato social faculta que os mais adiantados ajudem os retardatários. A História é o registro inquestionável da luta dos homens e dos povos para sair da infância e chegar à maturidade.

3 – O maior obstáculo ao progresso moral são o orgulho e o egoísmo, as duas “chagas da humanidade”. Faz-se necessário promover a educação das massas, não a educação que faz apenas homens instruídos, mas a educação dos sentimentos. Nesse sentido, o Espiritismo tem muito a oferecer, por preconizar a prática da moral do Cristo. Somente o Evangelho, em espírito e verdade, compreendido e vivido, contém o remédio santo, capaz de erradicar essa “enfermidade” generalizada entre os homens.

4 – Nota de Kardec à questão 785 de *O Livro dos Espíritos*: “Há duas espécies de progresso, que mutuamente se apóiam, e entretanto não marcham juntos: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro recebe, em nosso século, todos os estímulos desejáveis, e por isso atingiu um grau até hoje desconhecido. Seria necessário que o segundo estivesse no mesmo nível. Não obstante, se compararmos os costumes sociais de alguns séculos atrás, teremos de ser cegos

para negar que houve progresso moral”. Em nossos dias, o progresso intelectual continua à frente do progresso moral, daí talvez o enorme contingente de calamidades sociais, aguardando solução.

5 – Vimos que o progresso avança sempre. É da Lei Divina que tudo se transforme para melhor. Nesse contexto, a Lei da Reencarnação se coloca perfeitamente em apoio a uma Justiça indefectível. Os esforços realizados numa vida jamais se perdem, pois, são aproveitados na encarnação seguinte. Saber e aprendizado, conhecimento e virtude laboriosamente conquistados serão facilidades a nos sorrir amanhã. O homem é herdeiro de si mesmo. Os espíritos avançam sempre do ponto em que pararam, numa seqüência infinita de realizações, sob a tutela de uma justiça perfeita. A teoria da unicidade da existência, ao contrário, implica um Deus injusto e parcial, que a todo momento estivesse criando uma alma nova, mais perfeita do que as anteriores, para assegurar a marcha ascensional da civilização.

6 – Os homens de gênio, que surgem de tempos em tempos, trazem a missão de fazer avançar a humanidade. São espíritos, que por seus esforços, em numerosas reencarnações, apresentam um grau de conhecimento e evolução acima da média. Reencarnam com a tarefa de impulsionar o progresso e são secundados em suas tarefas pela ação invisível dos Espíritos Superiores, através da inspiração ou durante o sono. Os seus sagrados labores são percebidos, ao longo da história, no curso das eras, atuando nas áreas da ciência, da filosofia, da política, das artes e da religião.

7 – Resposta à questão 793 de *O Livro dos Espíritos* sobre civilização completa: “Vós a reconheceréis pelo desenvolvimento moral. Acreditais estar muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque estais

melhor instalados e melhor vestidos que os vossos selvagens; mas não tereis verdadeiramente o direito de vos dizerdes civilizados senão quando houverdes banido de vossa sociedade os vícios que a desonram e quando passardes a viver como irmãos, praticando a caridade cristã.”

8 – O Espiritismo, certamente, já está oferecendo à família humana inestimável contribuição e num futuro, que esperamos não vir longe, marcará uma nova era na história da humanidade. Todavia, o progresso não dá saltos. “As idéias não se transformam senão com o tempo”, sem grandes abalos.

9 – A sua maior contribuição será a destruição do materialismo. Quando o conceito de imortalidade da alma não estiver mais vedado pela dúvida e tornar-se crença generalizada, os homens recuarão de suas posições egoístas e vaidosas e buscarão aquilo que representa nesta vida e na vida futura a verdadeira superioridade. Essa transformação se dará gradualmente, pois requer o concurso do tempo para se efetivar. Os espíritos não tocarão trombetas para despertar os incrédulos. “Não, não é por meio de prodígios que Deus conduzirá os homens; na Sua bondade, Ele quer deixar-lhes o mérito de se convencerem através da razão.”

10 – Em linhas gerais, as características da civilização futura, serão as seguintes:

- Ausência de cupidez, egoísmo, orgulho e preconceitos
- Costumes mais elevados moralmente
- Presença de mais bondade, boa fé e generosidade
- Igualdade perante as leis
- Justiça imparcial para todos

- Apoio dos mais fortes aos mais fracos
- Respeito às opiniões dos semelhantes
- Erradicação da fome e da miséria
- Superação do fantasma da guerra
- Visão espiritualizada do sexo e dos sagrados laços da família.

5. Conclusão: a Importância de Estudar “O Livro dos Espíritos”

A segurança de uma edificação reside na base. Sem base sólida, paredes e teto não suportarão a força dos ventos ou o rigor das tempestades. Forçoso assim todo cuidado na escolha dos materiais que comporão os alicerces da construção, os quais deverão ser de excelente qualidade.

Da mesma forma em Doutrina Espírita. Toda a complexa estrutura de conhecimentos, que compõe o edifício doutrinário, deve apoiar-se nos fundamentos da Codificação.

O conhecimento da base kardequiana, fruto da revelação das nobres entidades que secundaram os esforços do codificador, é a garantia de um adepto esclarecido, ponderado e consciente, capaz de atuar no movimento espírita de forma construtiva e equilibrada. Enfim, sem Kardec nos estudos, patrocinando uma atuação correta nas fileiras do Espiritismo, resvalaremos nos enganos do fanatismo e da superstição, hipnotizados pelas forças da sombra, que nos anularão os esforços.

A boa vontade, tão somente, não poderá garantir o êxito do seareiro ignorante ou inexperiente. É necessário conhecimento de causa para atuar com acerto.

A obra kardequiana, estudada e vivida, é a base capaz de garantir o êxito espiritual que o mundo espera de nós. E a viga

mestra da Codificação é *O Livro dos Espíritos*. Verdadeiramente, quem não o conheça, jamais poderá dizer-se espírita.

Esse extraordinário livro, maravilha de síntese e profundidade, composto de forma absolutamente didática, enfeixa todos os princípios norteadores da Doutrina, compondo uma Ciência avançada, uma Filosofia esclarecedora e a Religião do Amor, cuja aplicação resultará na conquista de uma civilização verdadeiramente justa, elevada e solidária.

A estrada do conhecimento espírita é longa e complexa, porque está relacionada com todos os ramos do conhecimento humano. O viajor prudente deverá iniciá-la com o estudo de *O Livro dos Espíritos*, pois terá durante todo o percurso um farol norteador, guia seguro nas dificuldades, assegurando-lhe, em todos os momentos, uma luz branda e suave, capaz de clarear os ângulos mais obscuros da caminhada, rumo aos cumes luminosos da Sabedoria Integral.

Para terminar, recordemos que os princípios espíritas, lançados a público em 1857, continuam tão sólidos como há 150 anos. A segunda metade do século XIX e o século XX passaram assinalando transformações e conquistas em todas as áreas da Ciência. Contudo, o desenvolvimento científico não abalou os princípios fundamentais do Espiritismo, tão bem expressos em *O Livro dos Espíritos*. Na verdade, todos os avanços da Ciência moderna têm servido exatamente à comprovação dos fundamentos doutrinários. Kardec continua atualíssimo, aguardando ser melhor estudado e compreendido.

Referências Bibliográficas:

“ALLAN KARDEC” (Pesquisa Biobibliográfica e Ensaio de Interpretação) – Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, Vol. II, FEB

“OBRAS PÓSTUMAS” – Allan Kardec, FEB

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS” – Allan Kardec, FEB

“O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO” – Allan
Kardec, FEB

“A GÊNESE” – Allan Kardec, FEB

“GUIA AO EXPOSITOR ESPÍRITA” – Carlos Eduardo da
Silva, FEESP.

III - “O Livro dos Médiuns”: Guia Para Uma Prática Mediúnica Segura.

Belmiro Francisco Martins Paranhos

Florentino Gomes de Brito

José Rubens Gomes

Luiz Bertolucci Júnior

Nuciete Aparecida da Cruz

Vânia Amâncio Abdulmassih

Membros da equipe do Departamento de Orientação Mediúnica
da AME - UDIA

Dois homens do grupo tinham ficado no acampamento: um se chamava Eldad e o outro Medad. Embora estivessem na lista, não tinham ido à tenda. **Mas o espírito pousou sobre eles e começaram a profetizar no acampamento.**

Um jovem foi correndo contar a Moisés: “Eldad e Medad estão profetizando no acampamento!”

Josué, filho de Nun, que desde a juventude era ajudante de Moisés, interveio: “Moisés, meu senhor, proíba-os de fazer isso.”

Moisés, porém, respondeu: “Você está com ciúme por mim? **Oxalá todo o povo de Javé fosse profeta** e recebesse o espírito de Javé!”

(Antigo Testamento, Números, 11:26 a 29)

A aproximação dos Espíritos junto aos homens sempre aconteceu, em todos os tempos, no desejo de que os “mortos” sempre tiveram de nos ajudar, dando-nos ou buscando-nos para obtermos conselhos e orientações, através dos médiuns e que, em outros tempos e lugares, eram chamados por diferentes nomes: profetas, oráculos, pitonisas, curandeiros, magos, entre outros.

“O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram médiuns. Os mistérios de Elêusis se fundavam na mediunidade. Os Caldeus, os Assírios tinham médiuns. Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios da sua filosofia; ele lhe ouvia a voz.”

Pedro Jouty (LM, capítulo XXXI, FEB).

Assim, quando nós, os humanos, os percebemos com maior sensibilidade, maior facilidade, estamos sendo convidados a atuar como intermediários entre nosso mundo material e o mundo espiritual, mundo este, que comparado ao nosso, é bem mais amplo, cheio de nuances, detalhes, vivo, estuante, mais dinâmico que nosso maravilhoso, mas acanhado mundo terreno. Estamos sendo agraciados com a sublime oportunidade de evolução: sermos Médiuns.

— *Sinto estranhas sensações... Vejo vultos, escuto vozes anônimas, sinto fortes pressentimentos. O que está acontecendo comigo? Muitas vezes sou constrangido a dizer coisas que não gostaria de falar, frases que nascem de idéias e pensamentos que não me dizem respeito. Não são minhas estas palavras! O que devo fazer? Por que isto acontece comigo? Estou “enfeitado”? Onde buscar ajuda? E que ajuda devo buscar: médica, psicológica, espiritual?*

São algumas questões que perturbam quem conta com a preciosa oportunidade de ser médium: atuar como intermediário entre os homens e os Espíritos (conhecidos como os desencarnados, pelo espíritas, pois já não possuem o corpo físico) e os homens ou mulheres ainda presos ao corpo.

Não é fácil lidar com a nova situação em nossa vida. A formação intelectual, religiosa e moral que tivemos desde a infância, muito contribuirá para nossa decisão.

É claro que poderemos ser médiuns mesmo não sendo religiosos, espíritas, por exemplo. Muitas contribuições nos

campos científico, filosófico, educacional, econômico, político e religioso nascem de intervenções espirituais, sugestões dos mortos, que retornam interessados em nosso progresso ou ruína (quando são desafetos ou inimigos), ainda que não percebamos ou neguemos estas sugestões estranhas que chegam até nós.

Channing confirma que *todos os homens são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Agora, que uns se comuniquem diretamente com ele, valendo-se de uma mediunidade especial, que outros não o escutem senão com o coração e com a inteligência, pouco importa: não deixa de ser um Espírito familiar quem os aconselha. Chamai-lhe espírito, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à vossa alma, pronunciando boas palavras. Apenas, nem sempre as compreendeis* (LM, capítulo XXXI, FEB).

Se optarmos por avançar, estudando e praticando a mediunidade com Jesus, poderemos encontrar no Espiritismo os elementos necessários para que a mediunidade possa ser desenvolvida e educada de maneira segura e feliz: “O Livro dos Médiuns” ou o “Guia dos Médiuns e dos Evocadores”, que representa o manual, o guia para que o sensitivo, o médium, possa conhecer-se, enquanto ser espiritual, e conhecer os outros, tanto os seres humanos que o cercam quanto os seres espirituais que o rodeiam e influenciam.

1. Histórico da Obra

“O Livro dos Médiuns” foi publicado em 15 de janeiro de 1861, na cidade de Paris, na França. A Europa vivia momento histórico de intenso crescimento econômico e populacional, com forte expansão geopolítica, caminhando para o que mais tarde seria tratado como o imperialismo europeu, ou seja, a França expandiria seu poder político e militar, bem como o econômico,

para várias regiões do Mundo, criando e mantendo colônias sob o seu domínio. A industrialização europeia estava a pleno vapor e a França, juntamente com outras nações-potências: Inglaterra, Suíça, Itália e Espanha comandavam o processo da grande revolução industrial que determinou, nas décadas próximas a 1900, nova expansão política, militar e econômica dos países europeus em direção à Ásia e África. O desenvolvimento europeu incentivava o avanço das artes e de vários setores culturais, com forte desenvolvimento da imprensa e da literatura, facilitando a disseminação de novas idéias.

Paris, capital da França, continuava como referência central para o mundo. Grande contingente de intelectuais para lá se dirigiam no sentido de desenvolverem seus estudos, teorias, filosofias, projetos educacionais, além de absorverem os avanços já conquistados num intercâmbio que, depois, seria difundido em seus países de origem.

Ali também aconteciam, com bastante intensidade, na primeira metade do século XIX, o *frisson* das mesas girantes. Concorridas reuniões se multiplicavam nos salões festivos parisienses onde curiosos e pessoas sérias, aqueles em maior número, se reuniam para verem as mesas girantes, que batendo os pés e circulando pela sala, respondiam as perguntas, muitas delas fúteis, com pancadas e outros movimentos. Esta prática já era bastante conhecida dos europeus e de outros povos mais antigos, conforme destaca Magalhães (1996), recuperando trecho da obra de Edmundo G. Blanco: *No ofício de comunicação com os mortos utilizavam-se correntes, círculos [...] e mesas giratórias, pancadas. Havia mesinhas na Trespócia, Figália, Arcádia [...] conforme o atestam Aristóteles, Plutarco, Plínio, Filostrato...* entre outros estudiosos antigos citados pelo autor.

Nos anos próximos a 1850, as reuniões em torno das mesas girantes começaram a despertar o interesse de homens e mulheres que viram, naqueles fenômenos, a revelação de um mundo novo, amplo, com inúmeras possibilidades de estudos, o *Mundo dos*

Espíritos. Na verdade, a mesa era um simples instrumento de manifestação dos mortos, os desencarnados, que se utilizando de fluidos dos médiuns presentes, conseguiam movimentar a mesa e responder a algumas perguntas mais simples.

O Professor Hippolyte-Léon Denizard Rivail, experimentado na arte de educar os caracteres humanos, com vinte e duas obras educativas publicadas na França, então com a idade de 50 anos, por volta do ano de 1854, em Paris, ouvira comentários sobre esses fenômenos e somente participou de uma reunião para conhecer o fato a partir de convite feito por seu amigo Sr. Fortier, um estudioso do magnetismo, também área de interesse de Rivail. O Sr. Rivail amadurecido no campo educacional e científico, após assistir a algumas das apresentações das mesas girantes, percebeu que aqueles simples eventos apontavam para um campo novo de investigação que certamente descortinaria uma realidade consoladora: a morte não existe, os espíritos continuam após a falência do corpo físico e podem retornar para comunicar-se com os homens.

Estar em Paris contribuiu para que o Sr. Rivail, Kardec após a publicação de “O Livro dos Espíritos” (1857), pudesse realizar o seu trabalho de Codificador, organizador da Doutrina dos Espíritos. Paris ainda funcionava como o centro do mundo, pois para ali também convergiam as grandes novidades culturais e tecnológicas, entre outras, o que facilitava o desenvolvimento de idéias novas, inclusive contando com boa estrutura de imprensa, possibilitando a confecção de livros e jornais para a difusão mais rápida de contribuições intelectuais, de novas doutrinas filosóficas e científicas e, naquela segunda metade do século dezanove, a Cidade-Luz tornou-se o berço do Espiritismo.

Desde a publicação de “O Livro dos Espíritos”, com grande repercussão no mundo todo, Allan Kardec passou a receber inúmeras solicitações para que orientasse os grupos que desejavam praticar o Espiritismo, através das reuniões espíritas com comunicações e manifestações dos Espíritos.

Em 1858, Kardec publicou o livro “Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas”, que desenvolvia a Segunda parte de “O Livro dos Espíritos”, bem como orientava a formação dos primeiros grupos mediúnicos sob orientação espírita. Essa obra encontrou grande aceitação e esgotaram-se, rapidamente, os volumes disponíveis nas livrarias. Seria a base para que Allan Kardec e os Espíritos desenvolvessem uma publicação mais abrangente, mais completa para esclarecer sobre todas as dificuldades que envolvem as atividades mediúnicas: *O Livro dos Médiuns*. O próprio Kardec alerta que a nova obra reúne os dados de uma longa experiência e de conscienciosos estudos, e que, com ela, o Espiritismo seria visto pelo seu caráter sério e não como objeto de frívola ocupação e divertimento.

Vale considerar que, com a fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em janeiro de 1858, sob o comando de Allan Kardec, mensagens recebidas por médiuns espalhados pelo mundo todo são enviadas, com maior intensidade, para que o mestre pudesse avaliá-las e aproveitá-las, como bem entendesse. Além disso, visitantes de lugares longínquos, envolvidos nos fenômenos mediúnicos e desejosos de conhecerem a Doutrina Espírita, principalmente após 1857, passam a visitar a SPEE. Príncipes, barões, políticos, altos funcionários públicos, empresários e comerciantes de regiões longínquas, comandantes militares, bem como homens simples e honestos freqüentaram o escritório de Allan Kardec para orientarem-se sobre a nova doutrina, a *Boa Nova dos Espíritos*.

Companheiros de Allan Kardec na SPEE relatam que, ao entrarem no escritório do mestre, sempre se deparavam com grande volume de mensagens, materiais recebidos do mundo todo, que seriam apreciados por Kardec e aproveitados na elaboração de uma nova obra.

Compulsando as obras básicas* notamos que as mensagens vinham de diferentes regiões da França: Havre, Mulhouse, Poitiers,

* “O Livro dos Espíritos” – 1857; “O Livro dos Médiuns” – 1861; “O Evangelho Segundo o Espiritismo”- 1864; “O Céu e o Inferno” – 1865 e “A Gênese”, publicada em 1868.

Sens, Lião, Bordeus, Constantina, Marmande e de locais mais longínquos, como: Genebra, Bruxelas, Cracóvia, Argel, Carlsruhe, São Petersburgo, cidades da Itália, entre outras localidades.

Assim, o mestre francês contou com grande acervo de informações, comunicações espíritas, comentários sobre diferentes práticas dos mais diversos grupos de trabalhadores da mediunidade distribuídos pelo mundo inteiro. Cumpria-se a profecia de Jesus:

Vale lembrar que a repercussão de “O Livro dos Espíritos” e de “O Livro dos Médiuns” foi tamanha que Allan Kardec foi motivado a realizar viagens pela França, entre os anos de 1861 e 1862, colhendo observações acompanhando o progresso do Espiritismo, sempre às suas próprias custas.

A viagem de 1862 foi a mais longa, quando Kardec fez mais de cinquenta reuniões. Certamente, muitas foram as observações aproveitadas para o desenvolvimento das obras espíritas que seriam publicadas nos anos seguintes. O relato da viagem deu origem à *Viagem Espírita em 1862*, que conforme destaca André Moreil: *Essa grande viagem foi, mas tarde, publicada em obra especial, que se tornou auxiliar indispensável aos grupos espíritas, tanto no que concerne à doutrina, quanto no que diz respeito à organização e administração das sociedades espíritas.*

Em “O Livro dos Médiuns” vamos descobrir que ser médium é defrontar com a oportunidade de nossa formação espiritual, e como o próprio livro nos chama atenção desde sua apresentação, nesta obra são os Espíritos que nos trazem o “ensino especial sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo, constituindo o seguimento de “O Livro dos Espíritos”.

Somente esse intróito, texto inicial que consta na folha de rosto de “O Livro dos Médiuns” já nos coloca a pensar. Vamos por parte.

O primeiro passo: estudar “O Livro dos Espíritos” para que possamos entender a Doutrina Espírita é imprescindível, sob pena de não compreendermos os temas sobre mediunidade.

Outra observação: os Espíritos foram quem ditaram, através de vários gêneros de manifestações mediúnicas, o conteúdo que se acha expresso no livro para os médiuns. Foram utilizadas a escrita, a psicografia; a fala, conhecida atualmente, por psicofonia, entre outros tipos de mediunidade, na obtenção das comunicações espirituais, valendo lembrar que os métodos utilizados foram através de evocações e comunicações espontâneas.

O “O Livro dos Médiuns” foi organizado em duas partes. Na Primeira Parte, os Espíritos e Allan Kardec fazem aprofundada reflexão filosófica para que possamos, através do estudo, confirmar nossa convicção espírita. Inútil seria avançar se não reconhecemos ainda a existência dos espíritos e a possibilidade de comunicação entre nós e eles, ainda que acreditemos na vida após a morte, sendo espiritualistas.

Essa primeira parte foi composta por quatro capítulos:

Capítulo I – Há Espíritos? Os Espíritos e Allan Kardec houveram por bem iniciar o “O Livro dos Médiuns” com uma séria e oportuna pergunta, pois quem lidará com a mediunidade precisa estar convicto da existência dos seres espirituais, daqueles que serão os verdadeiros autores das mensagens, comunicações, fenômenos que se processarão através dos médiuns. Cabe a cada um de nós, que procuramos atividades mediúnicas, inquirirmos nós mesmos: acreditamos na existência dos espíritos? Temos certeza, convicção disto? Se sim, vamos em frente; se não, vale aguardar um pouco mais para nos envolvermos em atividade tão séria quanto a mediúnica.

Kardec nos sugere três questões: “Credes em Deus? Credes que tendes uma alma? Credes na sobrevivência da alma após a morte?” e conforme propõe o codificador, se a resposta for simplesmente: “não sei; desejara que assim fosse, mas não

tenho a certeza disso” precisamos amadurecer um pouco mais antes de nos envolvermos de maneira mais ostensiva, direta, com atividades que irão nos exigir muito esforço...

Quanto ao Capítulo II – Do Maravilhoso e do Sobrenatural, apresenta substancial argumentação dos Espíritos sobre a diferença entre o Espiritismo, que se apóia em fatos e numa explicação racional destes fatos, e o maravilhoso e o sobrenatural, que não seriam contemplados pela Lei da Natureza. O Espiritismo não propõe qualquer subversão da lei natural; ao contrário, mostra que os espíritos são agentes, elementos mesmos que atuam na natureza, que participam dos fenômenos naturais, e que desejam interagir, comunicar com os homens para que possamos melhor compreender as razões de estarmos neste mundo e o que nos aguarda para o futuro.

Já no capítulo III – Do Método, os Espíritos nos alertam para a importância do estudo metódico para que possamos apreender e aprender as idéias novas, bem como nos dão orientações de como proceder com as diferentes pessoas, com os diferentes espíritos, no que se refere ao aspecto religioso: materialistas e espíritas – e aqui Kardec destaca quatro classes de espíritas que valeria a pena pensarmos a respeito: os experimentadores, os exaltados, os imperfeitos e os espíritas cristãos ou verdadeiros espíritas. Encontramos ainda nesse capítulo oportuna sugestão para os que desejam conhecer o Espiritismo. Segundo a proposta dos espíritos/Kardec deveríamos começar pela obra *O Que é o Espiritismo*, seguindo para *O Livro dos Espíritos*, depois *O Livro dos Médiuns*, a *Revista Espírita*, e seguir lendo, estudando. Na época (1861) *O Evangelho Segundo o Espiritismo* não havia ainda sido publicado, o que somente ocorreu no ano de 1864, obra indispensável para a seqüência dos estudos propostos por Kardec, visando compreendermos Jesus.

Finaliza a primeira parte de *O Livro dos Médiuns*, o capítulo IV – Dos Sistemas - que discute as diferentes

maneiras como o Espiritismo é visto pelas pessoas, ou pelo menos, como era visto naquela época. A visão *míope* resultava, quase sempre, da ignorância, da falta de estudo sobre os princípios básicos da Doutrina Espírita.

Na Segunda parte de *O Livro dos Médiuns* contamos com 32 capítulos que vão tratar, de maneira bastante didática, das manifestações espíritas. No capítulo I encontramos farta discussão quanto à ação dos espíritos sobre a matéria, ou seja, a interação entre os dois importantes elementos da natureza é considerada, relembada, dado que se percebermos com certa acuidade, vamos notar que os espíritos estão sempre influenciando nossas vidas, seja pela via da inteligência, seja por manifestações físicas (movimentação de objetos, por exemplo).

Entendermos as diferenças entre as manifestações inteligentes e as físicas, provocadas pelos espíritos, é de fundamental importância para nosso desenvolvimento mediúnico. Fenômenos de movimento de mesas, transportes de objetos e pessoas, ruídos, aparições, espíritos glóbulos (leia para entender) são alguns dos temas tratados nos primeiros capítulos da Segunda parte.

Médiuns passistas ou que participam das conhecidas atividades mediúnicas de cura deverão estudar com toda atenção o capítulo VIII – Do laboratório do mundo invisível - onde questões atinentes a ações magnética e fluídica são tratadas.

Um dos maiores desafios das atividades mediúnicas será o de analisar, com bom senso, as comunicações recebidas dos diversos tipos de espíritos, e no capítulo X vamos aprender com os próprios espíritos a diferenciar as comunicações grosseiras e frívolas, bem como aquelas que chegam de espíritos enganadores, daquelas comunicações sérias e instrutivas, que emanam dos espíritos bondosos.

Que tipo de mediunidade temos? Em que perfil de médium nos encaixamos? Médiuns psicógrafos? De efeitos físicos,

videntes, curadores, pneumatógrafos (que promovem a escrita direta dos espíritos numa folha de papel)? Para darmos conta destas questões vamos estudar do capítulo XII aos XVII. Este último trata, inclusive, sobre a perda e suspensão da mediunidade, que pode ocorrer.

Para os que temem o trabalho com os Espíritos, através da prática mediúnica, deve-se estudar atentamente o capítulo XVIII – Dos inconvenientes e perigos da mediunidade – e poderão refletir que, se levada a sério, a mediunidade significa harmonia e segurança em nossa vida mental.

O papel do médium nas comunicações, sua influência, a influência do meio ambiente (o grupo espírita que o médium freqüenta, por exemplo) são analisados em detalhes em três capítulos exclusivos.

A obsessão é caracterizada no capítulo XXIII, apresentando-se inclusive os meios de a combater, o que chamamos de desobsessão, e neste ponto de *O Livro dos Médiuns* destaca-se quão grave é uma reunião de desobsessão e o quanto se espera de todos nós, os médiuns, de boa-vontade, amor, estudo e reforma íntima na garantia de um bom atendimento aos espíritos sofredores.

No capítulo seguinte, Kardec nos prepara para identificarmos os Espíritos, a fim de que possamos separar os bons dos maus e proceder ao tratamento adequado a todos os *mortos* que comparecem à reunião, visando, acima de tudo, ao nosso aprendizado. É claro que no atendimento aos espíritos desequilibrados estaremos aprendendo a vivenciar o *Fora da Caridade não há Salvação*. No entanto, temos percebido que a maior caridade parte dos espíritos que, ao se comunicarem conosco, sempre nos alertam quanto ao futuro: “– Melhorem, ou sofrerão, amanhã, como estou sofrendo hoje!”

Muitos dos que se iniciam nas atividades de intercâmbio com o Mundo Espiritual desejam evocar determinados espíritos, enquanto outros preferem aguardar as comunicações espontâneas, ou seja,

aguardar as comunicações dos Espíritos que forem encaminhados, a partir da Espiritualidade, à nossa reunião. No capítulo XXV – Das Evocações - vamos aprender sobre as vantagens da evocação e das comunicações espontâneas e poderemos constatar que, enquanto não contarmos com sólida formação intelectual, muitos anos de estudo, nas mais diversas áreas do conhecimento humano; consistente formação moral, sermos realmente bons e disciplinados, e acentuada formação espiritual, ou seja, larga experiência em lidarmos com os Espíritos, o melhor e mais seguro é adotarmos a prática das manifestações espontâneas, controladas pelos benfeitores espirituais que dirigem, no Plano Maior, nossas atividades de desenvolvimento mediúnico.

Se desejamos conversar com os Espíritos, o capítulo XXVI nos oferecerá substancial repositório de perguntas que se podem fazer aos Espíritos, ou seja, no diálogo com os desencarnados o que poderá ser tratado? Questões pessoais e de interesse imediato poderão ser levantadas? Que tipo de questões os Espíritos Superiores aceitam responder? E os espíritos enganadores, mistificadores respondem a qualquer pergunta que lhes seja feita?

Por fim, vamos refletir sobre a importância das reuniões mediúnicas e das sociedades espíritas, no capítulo XXIX. Nenhum de nós, os trabalhadores e dirigentes espíritas, poderemos deixar de meditar sobre as preciosas informações contidas neste capítulo. Allan Kardec, com sua larga experiência na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas juntamente com os Espíritos, nos ensina como constituir um grupo de estudos espíritas, uma sociedade realmente Espírita, nos oferecendo, inclusive, um Regulamento, no capítulo XXX, para melhor organização e disciplina de nossos trabalhos: o Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Concluem *O Livro dos Médiuns* os capítulos que tratam das Dissertações Espíritas e do Vocabulário Espírita. Consoladoras e instrutivas mensagens vamos ler, além de contarmos com

substancial número de mensagens apócrifas (enganadoras) para nosso estudo, a fim de não nos tornarmos presas de espíritos mistificadores, que se utilizam de nomes venerandos (Jesus, Maria de Nazaré, Kardec, Bezerra de Menezes, entre outros) levando-nos ao ridículo de acreditarmos no primeiro espírito que aparece.

Agênera, vocês sabem o que é? Qual a diferença entre mediunidade e medianimidade? Precisamos estudar o capítulo XXXII – Vocabulário Espírita – não acham ?

2. Obras Subsidiárias para o Estudo de “O Livro dos Médiuns”

Francisco Cândido Xavier / Emmanuel

- 1) “Seara dos Médiuns” – todo – FEB
- 2) “Mediunidade e Sintonia” – todo – CEU.
- 3) “Opinião Espírita” – Lições 15, 17, 20, 22, 31, 41, 45, 47 – CEC.
- 4) “O Espírito da Verdade”. Espíritos diversos – Lições: 5 e 67 – FEB.
- 5) “Religião dos Espíritos”. Lições 16 e 58 – FEB.
- 6) “No Portal da Luz” – Lições 11 e 12 – CEC.
- 7) “Roteiro” – cap. 27/28 – FEB.
- 8) “O Consolador” – FEB.

Francisco Cândido Xavier / André Luiz

- 1) “Nos Domínios da Mediunidade” – FEB.
- 2) “Mecanismos da Mediunidade” – FEB
- 3) “Desobsessão” – FEB.
- 4) “Missionários da Luz” – FEB

Carlos A. Baccelli / Espíritos Diversos – Odilon Fernandes

- 1) “ABC da Mediunidade” – DIDIER.
- 2) “Mediunidade e Obsessão” – DIDIER.
- 3) “Mediunidade na Mocidade” – DIDIER.
- 4) “Ser Médium” – DIDIER.
- 5) “Somos todos Médiuns” – DIDIER.
- 6) “Mediunidade: perguntas e respostas” – DIDIER.
- 7) “Conversando com os médiuns” – LEEPP.

Cairbal Schutel

- 1) “Médiuns e Mediunidades” – Casa Editora O Clarim.

Divaldo Pereira Franco

- 1) “Diretrizes de Segurança” (e Raul Teixeira). Editora Fráter.
- 2) “Estudos Espíritos”. Esp. Joanna de Ângelis – FEB.
- 3) “Intercâmbio Mediúnico”. Esp. João Cléofas – LEAL.
- 4) “Médiuns e Mediunidades”. Esp. Vianna de Carvalho – Editora Arte e Cultura / LEAL.

Eliseu Rigonatti

- 1) “A Mediunidade sem Lágrimas” – Editora Pensamento.

Hermínio C. Miranda

- 1) “Que é o fenômeno mediúnico?” – Editora Correio Fraterno.
- 2) “Diálogo com as Sombras” – FEB
- 3) “Histórias que os Espíritos contaram” – LEAL.

Martins Peralva

- 1) “Estudando a Mediunidade” - FEB
- 2) “Mediunidade e Evolução”- FEB

3. Sugestão de Roteiro de Estudo de “O Livro dos Médiuns”

O estudar é um ato proveniente de uma necessidade de cada indivíduo, em processo de evolução. Com o passar do tempo transforma-se em uma atitude diária, como uma satisfação do ser. Então chegaremos a um hábito de prazer e sustentação de nossa individualidade.

Na realidade brasileira, o estudo sempre foi algo restrito a uma determinada parcela de população, principalmente o acesso e gosto pela leitura. Mas, como o MESTRE dos MESTRES, em João 8,32, nos orientou: “...e conhecereis a verdade, e a verdade nos libertará.” – percebemos que o conhecimento das verdades é um processo inerente ao ESPÍRITO.

Com isso, verificamos a necessidade de criar estratégias de incentivo e promover mecanismos de acesso às obras espíritas, de uma maneira especial, às *obras básicas*, que facilitem o entendimento a compreensão e, conseqüentemente, a sua vivência, no sentido do estudar que qualifique para uma melhor aplicação.

Em *O Livro dos Médiuns*, na Primeira Parte – capítulo III: Do Método, na questão 31 encontramos a seguinte orientação: *Falamos, pois, por experiência e, assim, também, é por experiência que dizemos consistir o melhor método de ensino espírita em se dirigir, aquele que ensina, antes à razão do que aos olhos.* Acreditamos que o despertar da consciência é o estímulo de transformação do ser, na sua jornada evolutiva. Assim sendo, entendemos que estudar é fundamental, em cada oportunidade de reencarnação do ESPÍRITO.

Como estudar individualmente?

O nosso propósito, jamais, será de ditar uma receita, mas possibilitar a você leitor e estudioso de Doutrina Espírita, alguns indicativos, que avaliados, possam ser experienciados.

Ao estabelecer como objetivo de vida tornar-se estudioso do Espiritismo e, tendo como princípio claro e conciso a busca do conhecimento, como consequência de um processo de conscientização, (oriundo da necessidade de uma vivência com base nos princípios cristãos-espíritas, que nos levará a construção da almejada REFORMA ÍNTIMA) é que sugerimos uma METODOLOGIA de ESTUDO.

Metodologia de estudo – Como educar para o aprender

A existência de uma maneira *melhor de estudar* é resultante de uma construção advinda da observação e experimentação de técnicas e métodos, mas adaptada às necessidades, e nunca esquecendo a sua própria realidade de leitor / estudioso. Para tal, apresentamos *uma proposta básica*:

Condições

Escolha um local com os seguintes requisitos:

- bem arejado;
- boa iluminação;
- sem ruídos;
- com acomodação adequada – mesa ou escrivaninha e cadeira/banco.

Leitura

Para alcançar o *hábito de estudo* se fazem imprescindíveis alguns cuidados com a leitura:

- a definição de um período diário, se possível, no mínimo 30 minutos;

- a existência de recursos mínimos para a compreensão do conteúdo do texto/obra, tais como: um dicionário, uma gramática e material para anotações – lápis, borracha e papel;
- a leitura deverá acontecer desde a capa do obra, procurando num primeiro momento fazer uma leitura simples (conhecimento de todo conteúdo, sem preocupar com a análise) e, no segundo momento, uma leitura analítica (anotar o significado das palavras, grifar partes interessantes ou para possíveis discussão).

Registro

A mente humana é algo extraordinário, mas com as suas limitações. Então, é preciso desenvolver uma maneira de armazenar o compreendido. Por isso, acreditamos que é necessário uma técnica de registro, durante o estudo.

As técnicas mais utilizadas: ESQUEMA e RESUMO.

Esquema

Durante a leitura, fazemos algumas anotações ou grifamos partes da obra. Após a finalização de cada parte, teremos elementos disponíveis para montar um esquema, conforme exemplo abaixo:

Obra básica: “O Livro dos Médiuns”

Estrutura

- Introdução
- Primeira parte - 4 capítulos
- Segunda parte - 32 capítulos

Primeira parte - Noções preliminares

- Capítulo I - Há Espíritos? - itens: 1 a 6
- Capítulo II - Do maravilhoso e do sobrenatural - itens: 7 a 17
- Capítulo III - Do método - itens: 18 a 35
- Capítulo IV - Dos sistemas - itens: 36 a 51

Capítulo I - Há Espíritos?

Item 1

Ementa

Análise dos **fatores** que contribuíram para a **dúvida** sobre a **existência dos Espíritos**.

Sinopse

1. Causa primária (elementar):

- ignorância a respeito da verdadeira natureza (essência: o que constitui o cerne - parte mais íntima - de um ser).

2. Idéia - Noção

Definição:

- seres à parte da criação - não havendo a real necessidade de “demonstrar” a sua existência.

Fundamentação:

- Contos fantásticos - alimentação da imaginação sem elementos concretos.
- Crença cega - acreditar em tudo e rejeitar o todo.

3. Princípio básico - Existência dos Espíritos

Concepção:

- A existência de um princípio inteligente fora da matéria.

Fundamentos:

- A existência, a sobrevivência e a individualidade da alma.

Fundamentação filosófico-científica

- Espiritualismo: demonstração teórica e dogmática

TEÓRICA: aquela que reconhece cientificamente os princípios - procedimentos.

DOGMÁTICA: atitude sistemática de uma afirmação ou negação - processo.

- Espiritismo: demonstração positiva

POSITIVA: o caráter prático.

Para **estudo em grupo**, damos três sugestões:

1) “O Livro dos Médiuns” e uma obra subsidiária (“Seara dos Médiuns”, de Emmanuel; “Nos Domínios da Mediunidade”, de André Luiz ou outras obras sérias).

Recomendamos a leitura desde a introdução, feita em trechos pelos participantes do grupo. Após cada um ler um parágrafo, ou mais (no início, isto poderá ser indicado pelo dirigente), será feito um comentário sobre o que entendeu. Se estiver o companheiro em dificuldades, alguém do grupo poderá se oferecer para ajudá-lo. Caso ninguém o faça, o dirigente da reunião poderá ou deverá fazer os esclarecimentos, ampliar informações, sugerir leituras complementares para o tópico em questão ou ainda narrar casos que ilustrem o que foi lido.

É importante que todos leiam um trecho e façam seus breves comentários. Não se pode ter pressa, pois é preciso dar oportunidade a que os membros do grupo se manifestem.

Recomendável, em casa, que cada um dos participantes da reunião leia trechos que poderão ser estudados (prevendo-se mais ou menos quantos em função do tempo de duração do estudo), verificando o vocabulário desconhecido e anotando as idéias principais ou assinalando-as no próprio livro, bem como possíveis dúvidas.

2) Estudar-se-ão os temas diretamente relacionados à mediunidade, aplicando-se técnicas e metodologias que envolvam todo o grupo, que reforcem a necessidade do estudo individual prévio. Este tipo de estudo cabe apenas em reuniões de estudo sobre mediunidade devido necessitar de tempo maior (até 2h) para aplicação de técnica(s), de acordo com o tema em estudo, assunto, número de componentes do grupo, objetivos, etc.

De início, o companheiro mais experiente ou aquele que tem sido dirigente de reunião mediúnica poderá coordenar o estudo, até que outros do grupo estejam preparados, doutrinária e pedagogicamente, para a tarefa. Se não houver ninguém do grupo com conhecimento e prática de técnica, buscar o auxílio de companheiros do ESDE ou do órgão unificador. Vale lembrar que é preciso um planejamento sério antecipado do que se vai estudar, buscando o dirigente da reunião estar afinado com a Diretoria, trocando idéias e acolhendo sugestões. Também devemos ter em conta a necessidade de um regimento para regulamentar todos os itens que envolvem uma reunião mediúnica para que seja séria, eficiente e de acordo com Codificação.

3) Apostilas do Estudo e Educação da Mediunidade, publicadas pela Federação Espírita Brasileira que, de maneira sistematizada, irão nos oferecer conhecimentos básicos sobre a Doutrina Espírita, especificamente sobre o aspecto científico, a mediunidade. Com reuniões bem organizadas, com duração de aproximadamente duas horas e com até 25 pessoas, pode-se formar uma equipe de atividades mediúnicas, partindo-se do estudo sério. À medida que os roteiros propostos na apostila forem sendo estudados, os integrantes do estudo devem buscar em *O Livro dos Médiuns* a leitura sobre o tema estudado, bem como em outras obras que ajudem na melhor compreensão, sugeridas a cada roteiro da apostila.

4. Sugestão de Roteiro de Palestra

Obsessão e Desobsessão

1. MOTIVAÇÃO.

A partir do ditado popular “Dize-me com quem andas...”, comentar sobre o inverso dele – “Dize-me quem és... “ – a emissão de pensamentos que estabelecem sintonia; os sentimentos e emoções que estão em nós e a influência dos Espíritos (LE q.459 e 525).

2. INTRODUÇÃO (I).

Obsessão: o que é; não surgiu com o Espiritismo. Causas. Sinais. Obsessor/ Obsediado – quem são?

3. DESENVOLVIMENTO (D).

Tipos de obsessão (falar rapidamente). Ação dos obsessores. Efeitos da obsessão. Por que Deus permite a obsessão? (“O Consolador” q.159)

4. CONCLUSÃO (C).

Desobsessão: o que é, como alcançá-la. Mostrar que a melhor terapia desobsessiva é a auto-evangelização que, associada à fluidoterapia, leituras edificantes, prece, trabalho no Bem, conduzirão ao reequilíbrio. Contar a história “O guarda-chuva protetor”, de Richard Simonetti, se der tempo.

5. RECURSOS:

Cartazes com as definições de obsessão / desobsessão, fichas com as palavras-chave de cada parte da palestra, transparências com os itens básicos de cada parte (I, D, C), fichas com perguntas

que contemplam os itens de cada parte ou os mais importantes – distribuídas para o público tentar respondê-las quando o expositor solicitar. As respostas poderão ser confirmadas ou complementadas pelo expositor, após já tê-las distribuído, também em fichas numeradas de acordo, com as perguntas, para o público. ESCOLHA O QUE MELHOR LHE CONVIER.

6. FONTES DE CONSULTA:

- a) “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec;
- b) “O Livro dos Médiuns” – Allan Kardec;
- c) “O Evangelho Segundo o Espiritismo” – Allan Kardec;
- d) “Desobsessão” – André Luiz/Francisco Cândido Xavier;
- e) “Nos Domínios da Mediunidade” – André Luiz/Francisco Cândido Xavier;
- f) “Mediunidade: Caminho para ser Feliz” – Suely C. Schubert;
- g) “Quem tem medo da Obsessão?” – Richard Simonetti;
- h) “O Consolador” – Emmanuel/Francisco Cândido Xavier;
- i) “Recordações da Mediunidade” – Yvonne do A. Pereira.

7. OBSERVAÇÃO:

Roteiro para 45 a 60 minutos de exposição. Se for menos tempo, fazer os necessários ajustes.

8. ÚLTIMAS LINHAS:

No desejo sincero de contribuir com aqueles que se iniciam na tarefa da exposição doutrinária, oferecemos aos irmãos uma bibliografia básica, que poderá auxiliá-los no preparo das palestras.

Orientações ao expositor

- 8.1 – Roteiro de palestras sobre temas doutrinários, evangélicos e mistos:

- 8.1.1. “Manual do Expositor e do Dirigente Espírita”. Celso Martins. Editora EME.
- 8.1.2. “Oratória a Serviço do Espiritismo”. Therezinha Oliveira. CEALK.
- 8.1.3. “Guia ao Expositor Espírita”. Carlos Eduardo da Silva. FEESP.

8.2 – Levantamento bibliográfico por assunto:

- 8.2.1. “O Espiritismo de A a Z”. Rio de Janeiro / RJ: FEB.
- 8.2.2. “Guia de Fontes Espíritas”. Rio de Janeiro / RJ. FEB.
- 8.2.3. “Vade Mecum Espírita”. São Paulo / SP: Liv. Esp. Nosso Lar.
- 8.2.4. “Prontuário da Obra de Allan Kardec”. Ney da Silva Pinheiro. Sobradinho / DF: EDICEL.
- 8.2.5. “Bibliografia Espírita”. 2 vol. Salvador / BA: Grupo de Divulgação de Bibliografia Espírita.

5. Conclusão: A Importância de Estudar “O Livro dos Médiuns”

Cento e quarenta e três anos se passaram, desde o 15 de janeiro de 1861, quando a Paris do século XIX acordou com a publicação de “O Livro dos Médiuns”, o “Guia dos Médiuns e dos Evocadores”, trabalho empreendido pelos Espíritos e organizado por Allan Kardec. Foi um presente dos “céus” para os médiuns, para aqueles sensitivos que percebendo o Mundo Espiritual não sabiam como lidar com impressões, vozes, cheiros, idéias estranhas, com os espíritos (tidos à conta de mortos) que se

aproximavam em grande número dos vivos (mortos que estavam para as questões espirituais).

A previsão contida no Livro Atos (cap. II, vv. 17 e 18.) se cumpria:

“Nos últimos tempos, diz o Senhor, difundirei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos, sonhos. Nesses dias, difundirei do meu Espírito sobre os meus servidores e servidoras, e eles profetizarão”.

Os Espíritos se apresentavam aos vivos-encarnados no Mundo todo e era “urgente, mas não apressado” (lembramos Bezerra de Menezes, quando trata da união entre os espíritas) que um manual, um “guia” confiável, repositório de estudos e maduras experiências, fosse colocado à disposição das pessoas interessadas no conhecimento espírita, na prática mediúnic.

Na introdução da obra em questão, Kardec nos fala de maneira franca: *Enganar-se-ia igualmente quem supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. [...] Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, quando ela exista. Esse, porém, não constitui o fim único a que nos propusemos.*

Se somente indicasse os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica já seria um grande mérito da publicação. Quantas dúvidas contamos no processo da educação mediúnica, desde as primeiras impressões até à participação efetiva num grupo espírita de atividades mediúnicas? Inúmeras. Médium escrevente, falante, que vê os espíritos, que esclarece pelo diálogo, são alguns dos vários tipos de mediunidade que contam com tempos e métodos diferentes para o desenvolvimento

equilibrado, e “O Livro dos Médiuns” nos repassa informações, dicas, roteiros seguros para que possamos utilizar a mediunidade para nosso crescimento espiritual, que é claro, terá reflexo positivo, desde já, em nossa vida cotidiana.

Mais ainda, o “Guia” objetiva o desenvolvimento da mediunidade a fim de conduzir-lhe o “emprego de modo útil”, para servir a todos, colaborar para que nosso mundo seja melhor, viva em paz. *A mediunidade é para ser útil, para servir, para o trabalho, para a prestação de auxílio desinteressado. Para consolar. O Consolador Prometido se materializa pela via mediúnica, quando os Espíritos nos falam sugerindo caminhos, atitudes, nos dizendo de sua situação atual, que continuam vivos, atuantes.*

No entanto, Allan Kardec propõe ir mais longe: *De par com os médiuns propriamente ditos, há, a crescer diariamente, uma multidão de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas. Guiá-las nas suas observações, assinalar-lhes os obstáculos que podem e hão de necessariamente encontrar, lidando com uma nova ordem de coisas, iniciá-las na maneira de confabularem com os Espíritos, indicar-lhes os meios de conseguirem boas comunicações, tal o círculo que temos de abranger, sob pena de fazermos trabalho incompleto.*

Destaca-se, portanto, que no estudo sério de “O Livro dos Médiuns”, no que se refere à faculdade mediúnica, obteremos:

- a) o conhecimento dos meios de seu desenvolvimento;
- b) o saber para torná-la útil;
- c) o bom-senso para observá-la com proveito;
- d) a paciência para lidar com os obstáculos que surgem no caminho;
- e) o melhor modo de conversar com os espíritos;
- f) e por fim, conseguiremos boas comunicações.

Não é fácil conseguir tudo isso. Demanda tempo, dedicação, disciplina, amor e conhecimento no que fazemos, e Kardec

destaca que se tivermos persistência no trabalho sério a *experiência lhes realçará a utilidade. Quem quer que o estude cuidadosamente melhor compreenderá depois os fatos de que venha a ser testemunha.*

Todos nós, os espíritas e os iniciantes ao Espiritismo, não o seremos sem o estudo minucioso de O Livro dos Médiuns: Como repositório de instrução prática, portanto, a nossa obra não se destina exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que estejam em condições de ver e observar os fenômenos espíritas.

Recentemente, escutamos um “médium experimentado” dizer não ser necessário reestudar “O Livro dos Médiuns” com a equipe mediúnica: ele já tinha feito o estudo sozinho. Aquele companheiro não atinava para a importância do estudo conjunto, uma vez que se estudando, também, na casa espírita, obtêm-se a harmonia do grupo, tiram-se as dúvidas que o estudo individual suscitou, bem como equilibram-se as práticas dos vários médiuns que participam da reunião.

Consultando “O Livro dos Médiuns” encontramos na definição de Médiuns experimentados, o seguinte: *[...] a experiência resulta de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do Espiritismo. A experiência dá ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, para lhes apreciar as qualidades boas ou más, pelos mais minuciosos sinais, para distinguir o embuste dos Espíritos zombeteiros, que se acobertam com as aparências da verdade. [...] O mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, produto da organização física. Julgam-se mestres, porque escrevem com facilidade; repelem todos os conselhos e se tomam presas de Espíritos mentirosos e hipócritas, que os captam, lisonjeando-lhes o orgulho.*

Quase cento e cinqüenta anos com o Pentateuco de Allan Kardec e escutamos “freqüentadores de centros espíritas” dizerem que acham (e acham mesmo, pois longe estão de certezas e

convicções) que as atividades mediúnicas são dispensáveis. Fazer o quê? Convidá-los a um estudo sistematizado da Doutrina Espírita. Eles não estudaram O Livro dos Médiuns: leram-no, quanto muito, e certamente de maneira apressada. Não prestaram atenção na mensagem de O Espírito de Verdade, quanto este refuta a opinião daqueles que são antipáticos às comunicações espíritas: *A pretensão que manifestam é a negação do que o Espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são caros e que assim estariam para eles sem remissão perdidos.* São essas relações que identificam o homem com o seu futuro, que o desprendem do mundo material. Suprimi-las é remergulhá-lo na dúvida, que constitui o seu tormento; é alimentar-lhe o egoísmo (capítulo XXVII).

Em 2004, ano de comemoração dos 200 anos de nascimento do Prof. Rivail, nosso Allan Kardec, aproveitemos para iniciar (ou reiniciar) a leitura atenta da Codificação, começando pelo começo: “O Livro dos Espíritos” e o seu seguimento “O Livro dos Médiuns”.

Finalizamos esses escritos lembrando Pascal, Espírito bondoso que nos brindou com a confortadora e estimulante mensagem XIII, do capítulo XXXI da obra em análise, da qual retiramos o trecho seguinte:

Assim, pois, médiuns! aproveitai dessa faculdade que Deus houve por bem conceder-vos. Tende fé na mansuetude do nosso Mestre; ponde sempre em prática a caridade; não vos canseis jamais de exercitar essa virtude sublime, assim como a tolerância. Estejam sempre as vossas ações de harmonia com a vossa consciência e tereis nisto um meio certo de centuplicardes a vossa felicidade nessa vida passageira e de preparardes para vós mesmos uma existência mil vezes ainda mais suave.

Referências Bibliográficas:

- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 114. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, 437p.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 63. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, 488p.
- KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, 398p.
- KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Anos 1860 e 1869. Ed. Edicel, São Paulo.
- KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Anos 1860 e 1869. Ed. Edicel, São Paulo.
- (In REFORMADOR, ed. 26)
- MAGALHÃES, Lybio. *Ciência da Vida à Luz do Espiritismo* Rio de Janeiro CELD, 1996.
- Novo Testamento. João. 14:15-18 e 26.
- Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse. Ed. Larousse do Brasil.
- WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. Vol. I, 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, 210p.

IV - “O Evangelho Segundo O Espiritismo”: 143 Anos de Publicação.

Isabel Gervásio de Faria

1. Histórico da Obra

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO (ESE) é a terceira obra da Codificação Kardequiana. Lançada a público em abril de 1864 – em Paris – concentra em si todos os enfoques morais da Doutrina Espírita, constituindo, destarte, seu aspecto religioso.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO não revela nenhuma moral nova: todo o seu conteúdo é a explicação dos pontos mais significativos do Evangelho de JESUS, selecionados pelo Codificador, explicados pelos Espíritos Superiores responsáveis pela Codificação, mantendo a sua pureza original. Contém um profundo apelo à reflexão e constitui um forte estímulo à reforma íntima, devido às doces consolações que espalha e às sublimes esperanças que oferece aos sofredores de toda ordem. Para os sábios orgulhosos da Terra, representa um verdadeiro enigma, conquanto para os simples e humildes, um repositório de sabedoria e revelações amorosas e justas.

Até a sua terceira edição, era intitulado de IMITAÇÃO DO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO. Por sugestões de vários companheiros e mentores, Allan Kardec reviu toda a obra e publicou-a novamente com o título com que a conhecemos ainda hoje: O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO. Na organização de suas matérias, revela o magnífico trabalho pedagógico realizado pelo Codificador. Analisemos alguns de seus aspectos estruturais:

- É uma obra composta de apenas vinte e oito capítulos, cujos títulos são palavras constantes nos ensinamentos de JESUS, em seu Divino Evangelho;

- Possui um prefácio curto: uma belíssima mensagem do Espírito de Verdade, transmitida mediunicamente pela mais jovem médium das que colaboraram com Allan Kardec no trabalho da Codificação. Trata-se de um eloqüente chamamento ao homem, ao trabalho de sua reforma íntima;

- Segue-se uma ampla introdução com as explicações necessárias ao leitor, clareando os seguintes pontos:

1 – OBJETIVO DA OBRA – Dirigida aos simples e humildes de coração, estabelecendo uma regra de procedimentos, roteiro infalível para a felicidade individual e o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura.

2 – AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA – O Codificador revela-nos o método utilizado no processo da Codificação: o controle universal dos ensinamentos dos espíritos.

3 – NOTÍCIAS HISTÓRICAS – Tradução dos termos bíblicos utilizados no decorrer da obra.

4 – SÍNTESE DOS ENSINOS DE SÓCRATES E PLATÃO, COMO PRECURSORES DO IDEAL CRISTÃO E DO ESPIRITISMO.

Quanto aos capítulos, ficou assim organizado o corpo da obra: Vinte e sete deles têm, basicamente, a mesma organização: título, subtítulos, transcrição de textos evangélicos de Mateus, Marcos, Lucas e João e/ou bíblicos do Velho Testamento. Em seguida, os comentários do Codificador, em textos curtos e objetivos e, fechando cada capítulo, a parte intitulada “Instrução dos Espíritos”. Essa parte é composta de mensagens mediúnicas recebidas em vários países e médiuns os mais diferentes, estranhos entre si e da qual é necessário ressaltar alguns fatos:

1 – Do conjunto de mensagens recebidas, por Allan Kardec, cerca de mais ou menos 300 foram separadas para um estudo metucioso, do que resultou a seleção das 110 que compõem a obra;

2 – Do Brasil, foram-lhe enviados alguns cadernos de mensagens psicografadas. Mas somente a mensagem intitulada “O Egoísmo”, assinada por Emmanuel e que está no capítulo XI, foi selecionada pelo Codificador. Vale ressaltar aqui que, mais tarde, este espírito seria o mentor do nosso querido Chico Xavier.

3 – Quarenta e quatro Espíritos Superiores assinam as 110 mensagens selecionadas. A maioria deles, quando encarnada, representava figuras de vulto no Catolicismo.

4 – Embora reconheçamos a importância deles, nenhum médium foi citado nominalmente no transcurso dessa obra, sendo este interessante critério adotado em todas as obras da Codificação.

Vale ressaltar que, adotando o sistema de capítulo/itens, Kardec numerou-os desde a anotação evangélica até à última mensagem espiritual, para facilitar a localização e a consulta.

A conclusão d’O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO está no capítulo 28, que é uma coletânea de preces espíritas, muitas das quais são mensagens psicografadas que enobrecem e ressaltam o sentido das verdadeiras preces apresentadas. Ao organizá-las, Kardec dividiu-as em cinco grupos: 1º- Preces gerais; 2º- Preces para aquele mesmo que ora; 3º- Preces pelos encarnados; 4º- Preces pelos desencarnados e 5º- Preces pelos enfermos e obsedados. Importa ainda ressaltar que todas as preces são antecidas por um prefácio, no qual o assunto é explicado à luz da Doutrina Espírita, contribuindo, assim, para que a fé seja raciocinada.

Todas as obras escritas na Doutrina Espírita, fora o Pentateuco da Codificação, têm a finalidade de ampliá-la, explicá-la e aprofundá-la. A começar pelo próprio codificador que escreveu muito, pois é admirável o volume de sua contribuição neste sentido. Outros escritores, os clássicos como, por exemplo: Léon Denis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, etc.; os modernos e os contemporâneos, principalmente no Brasil consagrado pela Espiritualidade Maior como “Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, desdobram-lhe em muito o aspecto moral e suas conseqüências para a vida diária, ampliando de maneira satisfatória o aspecto religioso do Espiritismo.

Reconhecendo e respeitando o valor de todos os escritores espíritas, reencarnados e desencarnados que, particularmente aqui, na terra do Cruzeiro, impulsionam a Doutrina Espírita no cumprimento de sua missão consoladora, é preciso ressaltar a figura emérita de FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER.

Incansável trabalhador da mediunidade com Jesus, contribuiu com 412 obras esplêndidas, sendo que mais da metade desdobram O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, tendo na personalidade de Emmanuel o protetor espiritual e coordenador de tão fecunda e importante missão. Do universo de obras que subsidiam O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, à guisa de sugestão para apoiar o estudioso em suas leituras paralelas, sugerimos abaixo alguns títulos.

2. Obras Subsidiárias Para o Estudo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”

Nº	OBRA SUBSIDIÁRIA	AUTORIA	EDITORA
1	Cristianismo, a mensagem esquecida	Hermínio Miranda	O Clarim

2	As maravilhosas parábolas de Jesus	Paulo Alves de Godoy	FEESP
3	Ramos da videira	Ir. José/C.A.Bacelli	LEEPP
4	O Sermão da montanha	Rodolfo Calligaris	FEB
5	Ide e pregai	Newton Boechat	FEB
6	Estudos Espíritas	J. Ângelis/ Divaldo P. Franco	FEB
7	Lampadário Espírita	J. Ângelis/ Divaldo P. Franco	FEB
8	Bem-Aventurados os simples	Valerium/Waldo Vieira	FEB
9	Levanta-te	Richard Simonetti	CEAK
10	Tua fé te salvou	Richard Simonetti	CEAK
11	Não peques mais	Richard Simonetti	CEAK
12	Setenta vezes sete	Richard Simonetti	CEAK
13	O Sermão da montanha	Richard Simonetti	CEAK
14	A Voz do Monte	Richard Simonetti	FEB
15	O Livro da Esperança	Emmanuel/F.C. Xavier	CEC
16	O Espírito da Verdade	Diversos/F.C. Xavier	FEB
17	Relicário de Luz	Diversos/F.C. Xavier	FEB
18	Opinião Espírita	Diversos/F.C. Xavier	FEB
19	Ideal Espírita	Diversos/F.C. Xavier	FEB
20	Caminho Espírita	Diversos/F.C. Xavier	FEB
21	Instrumentos do tempo	Emmanuel/F.C. Xavier	FEB
22	Evangelho em casa	Meimei/ F.C. Xavier	FEB
23	Pão Nosso	Emmanuel/F.C. Xavier	FEB
24	Vinha de Luz	Emmanuel/F.C. Xavier	FEB
25	Caminho, Verdade e Vida	Emmanuel/F.C. Xavier	FEB
26	Fonte viva	Emmanuel/F.C. Xavier	FEB
27	Palavras de Vida Eterna	Emmanuel/F.C. Xavier	FEB
28	Agenda Cristã	André Luiz/F.C.Xavier	FEB
29	Busca e acharás	André Luiz/F.C.Xavier	IDEAL
30	Sinal Verde	André Luiz/F.C.Xavier	CEC

3. Sugestão de Roteiro de Estudo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO é uma obra que deve estar sempre à mão, pois além de material para estudo metódico, é precioso recurso de socorro e consolação. Nas horas difíceis, de dúvidas, dor ou decepção, o Evangelho aberto aleatoriamente oferece sempre a resposta consoladora, devolvendo ao coração dolorido, a calma e a paz esperadas. Para o estudioso de Espiritismo que deseja conhecer melhor o aspecto religioso da Doutrina, o estudo metódico do Evangelho se impõe como uma necessidade. O estudo individual no lar ou em grupos, na Casa Espírita, desta obra magnífica, deve ser persistente e cuidadosamente realizado, semanalmente, por uma hora. Para estudar com proveito, em qualquer das opções acima, é preciso tomar alguns cuidados que auxiliarão no melhor rendimento do estudo. Aditamos aqui algumas sugestões que consideramos importantes:

1. CONDIÇÕES PARA UMA BOA LEITURA:

- Escolher local adequado, com boa ventilação, claro e longe de estímulos externos.
- Assentar de maneira correta e ter à mão o material necessário: o texto, um bom dicionário, lápis, régua e papel para anotação.

2. COMO LER:

- Ler pouco, mas tantas vezes quantas forem necessárias à compreensão total do assunto, do seguinte modo:
 - a) Ler uma vez para a compreensão geral e significação de todos os termos novos;

b) Ler uma segunda vez, parágrafo por parágrafo, dividindo idéias, circulando ou grifando a idéia central, assinalar e anotar nas margens ou no bloco de anotações, sempre que necessário;

c) Ler mais uma vez para verificar se tudo está claro. Abrir em seguida os comentários, aproveitando o tempo ao máximo.

3. CONCLUINDO:

- Terminadas as leituras e os comentários, fazer uma pequena síntese aproveitando o que grifou, circulou e anotou.

- Finda a síntese, verifique se você ficou satisfeito com o estudo. Se ficar alguma dúvida, volte ao texto e leia-o novamente.

- Arquive essas sínteses. Ao fechar um capítulo, leia-as todas e ficará surpreso com o resultado do trabalho!

É bom salientar que O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO é uma obra para leitura e estudos permanentes. Ao chegar ao final, retorne ao início e verificará quanta coisa nova é descoberta na releitura!

4. Sugestão de Roteiro de Palestra

Tema: O HOMEM DE BEM

(ESE, Cap. XVII – “Sede Perfeitos” – Item 3)

”Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.” – Jo. 8/32

”Amai-vos, eis o primeiro ensinamento; Instruí-vos, eis o segundo.” ESE. Cap. 6, Item 5

Traços do verdadeiro Homem de Bem:

- Cumpre a Lei de Justiça, Amor e Caridade;
- Faz aos outros o que gostaria que fizessem a ele;
- Deposita fé em Deus;
- Tem fé no futuro;
- As vicissitudes da vida são provas e expiações;
- Faz o Bem sem esperar recompensa alguma;
- Seu primeiro impulso é de pensar nos outros antes de si mesmo;
- É bom, humano, benevolente porque vê todos os homens como irmãos;
- Respeita todas as convicções sinceras;
- Seu guia em todos os casos é a Caridade;
- Perdoa e esquece as ofensas;
- Jamais evidencia os erros de alguém. Mas, se a isso for obrigado, procura sempre o bem que atenua o mal;
- Combate incessantemente as próprias imperfeições;
- É modesto, nunca evidencia suas qualidades;
- Não se envaidece com suas riquezas e vantagens pessoais;
- Não abusa dos bens que lhe são concedidos;
- Como autoridade, usa de bondade e benevolência;
- Como subordinado, cumpre seus deveres conscienciosamente;
- O Homem de Bem respeita todos os direitos de seus semelhantes como deseja que os seus sejam respeitados.

Essa lista não é a completa. Mas, se realizá-la, estará no caminho que conduz a todos os demais caracteres do HOMEM DE BEM.

1) DIVULGANDO O EVANGELHO NA CASA ESPÍRITA

“Ide e pregai, que as populações atentas recolherão ditosas as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.” (Erasto – ESE, cap.20, item 4)

O Coordenador do Grupo de Estudos na Casa Espírita tem por tarefa principal consolar os sofredores e instruir todos sobre as máximas do Evangelho, tendo em Jesus o seu Mestre e Modelo. Utilizando palavras e figuras de acordo com o nível cultural médio dos participantes, ilustrando com fatos da vida real e exortando a todos com carinho e entusiasmo a adequarem suas vidas às normas cristãs, com certeza sua exposição doutrinária encontrará eco no coração de todos.

O melhor roteiro de idéias para um estudo em grupo é, sem dúvida, o próprio O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO. O ideal será dividir cada capítulo pelo número de apresentações mensais. Teremos, aí, material rico de reflexões, motivador, dinâmico e muito instrutivo. Apenas como exemplo dessa nossa sugestão, colocaremos em seguida um planejamento mensal de estudos de um determinado capítulo. Vejamos:

CASA ESPÍRITA “.....”

Reunião de Estudos: às Segundas-feiras

Duração da Exposição: 40 minutos

Mês: Janeiro / 2004 - Dias: 5, 12, 19 e 26

Capítulo do ESE: I – “Não vim destruir a Lei”

Número de itens para estudos: 11

<i>Exp.</i>	<i>Data</i>	<i>Itens</i>	<i>Pontos principais</i>	<i>Recursos</i>
1ª	5/1	1 e 2	<p>Mateus, V: 17 e 18</p> <ul style="list-style-type: none"> ● A missão de Jesus e seu cumprimento. ● Todo o planeta enquadrado na Lei Divina. ● Os valores espirituais para o homem. ● Moisés – 1ª Revelação: Justiça. ● Os 10 mandamentos e sua atualidade. ● Caráter da Revelação. ● Visão espírita da Lei Mosaica. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Leituras curtas ● Comentários ilustrados e atuais ● Breve narrativa sobre Moisés
2ª	12/1	3 e 4	<ul style="list-style-type: none"> ● O Cristo: Guia e Modelo da humanidade. ● 2ª Revelação: Amor. ● O Evangelho em nossas vidas. ● O Evangelho e a Doutrina Espírita. ● Jesus, o Criador e Diretor da Terra. ● A 1ª Revelação preparou a 2ª. ● A 2ª Revelação não disse tudo. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Leituras curtas ● Comentários ilustrados ● Breve narrativa sobre Jesus
3ª	19/1	5 a 8	<ul style="list-style-type: none"> ● O Espiritismo, uma nova era para a humanidade. 3ª Revelação: Verdade. ● Visão geral da Doutrina Espírita. ● Comparar as três Revelações mostrando a maturidade do homem em cada uma delas. ● Aliança da Ciência e da Religião – Projeto do futuro. ● Evolução da humanidade: Harmonia e Progresso. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Distribuir folheto da FEB (<i>Conheça o Espiritismo</i>) ● Comentários com a colaboração do público ● Elaborar um quadro das três Revelações juntas e apresentar

4ª	26/1	9 a 11	<ul style="list-style-type: none"> ● Retomar a síntese da última fala para recordar o capítulo. ● Selecionar um dos textos para fechar o estudo. ● Ressaltar a missão do Espiritismo como Revelação em progresso. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Transparência alegre e legível ● Retroprojeter ● Diálogo com o público
----	------	--------	--	--

5. Conclusão : a Importância de Estudar “O Evangelho Segundo o Espiritismo”

As grandes vozes do céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos Anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o Divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssona nossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo ao outro do Universo.
O Espírito de Verdade – ESE, Prefácio.

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, lançam à humanidade o seu chamamento, conclamando todos para uma nova era. Para a compreensão mais dilatada do Evangelho do Cristo, roteiro único para a vitória do Espírito sobre si mesmo e conquista definitiva da Felicidade Eterna.

É claro que é todo um programa de trabalho, imenso, por vezes penoso, mas profundamente gratificante: fazer o homem comum encarar a si mesmo depois de milênios nos caminhos enganosos do personalismo, da vaidade e da rebeldia. Será uma luta titânica, em nível pessoal e global, supervisionada, porém, pelas Forças Superiores; portanto, irresistível e irrevogável.

Não fosse a eterna misericórdia do PAI, e o fardo seria mais pesado do que os ombros pudessem suportar... Nesse momento soam as divinas palavras: VINDE A MIM TODOS VÓS QUE

ESTAIS AFLITOS E SOBRECARRREGADOS QUE EU VOS ALIVIAREI. (Mateus, 11:28). É Jesus, o Divino Pegureiro de nossas almas, amparando todo aquele que desejar sobrepor o homem velho. Bastar-nos-ia esse afago. No entanto, a riqueza de Deus é tamanha e tanta, que permitiu o advento de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, onde as lições do Cristo são caminhos novos para a humanidade inteira ao desentranhar o espírito da letra.

Essa obra maravilhosa que completou, em abril de 2004, 140 anos, convida-nos à Caridade, à Fé, à Fraternidade, à Compreensão, à Tolerância, ao Trabalho, à certeza da vitória da Vida sobre a Morte! Mas tudo com o esforço indispensável de cada um, no Amor e no Entendimento, atendendo a sábia sugestão do Espírito de Verdade: “Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.”

6. Referências Bibliográficas

- AUDÍ, Edson. *Vida e obra de Allan Kardec*. Niterói / RJ: Lachâtre, 1999.
- JORGE, José. *Ilustrações Doutrinárias*. Rio de Janeiro / RJ: CELD. Vol. I, 1997.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 120. ed. Rio de Janeiro / RJ: FEB. 2003.
- KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 27. ed. Rio de Janeiro / RJ: FEB. 1995.
- _____. *Revista Espírita*. São Paulo: EDICEL. 1864. Pág 305/306.
- XAVIER, F. Cândido / Emmanuel. *O Livro da Esperança*. 17. ed. Uberaba / MG: CEC, 2002.
- _____. / Esp. Diversos. *O Espírito da Verdade*. 13. ed. Rio de Janeiro / RJ: FEB, 1999.
- WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. Vol. II/III. 3. ed. Rio de Janeiro / RJ: FEB, 1982.

V - “O Céu e O Inferno”

*Roberto Inocêncio da Paz
Wellington Santana Ferreira*

Introdução

DAS PENAS E RECOMPENSAS – O JULGAMENTO

A imortalidade sempre foi, consciente ou inconsciente, uma certeza que os seres humanos ostentam desde suas primeiras manifestações de racionalidade e formação das primitivas coletividades de homínídeos. No decorrer de sua longa evolução até os dias de hoje, observando, reconhecendo e sentindo os efeitos da Lei de Causa e Efeito ou Ação e Reação, nada mais natural ao entendimento humano que nas leis imutáveis da criação constasse uma (ou várias) que determinassem as sanções cabíveis e justas às nossas ações, no exercício da vida, considerando ainda os gravames ou atenuantes adendos à causa de cada um. Estando os sentidos crítico, analítico e judicioso, ataviados à evolução de cada grupo étnico-social, sempre houve, destarte, quem se propusesse administrar os critérios de justiça, humanos e divinos, legados a nós outros em todas as épocas da história. A imprecisão e inconstância desses critérios, deve-se, mais das vezes, ao grande temor que os míseros “mortais” tinham de seus deuses e suas complicadas relações com nosso plano.

Foi assim que os pagãos, séculos antes de Cristo, apresentaram-nos um painel de justiça divina que, acreditamos, sem que eles mesmos soubessem, mais se aproximava da verdade: os sete céus e os sete infernos, em que os primeiros destinavam-se aos que os mereciam com pouco mérito ou justificativa, conquanto

os últimos eram para os que os alcançavam plenos de mérito, com total justiça. É assim que, nada mais cobiçado que alcançar o sétimo céu bem como, nada mais temido que ser levado ao sétimo e mais escabroso dos infernos. Quem ou o que, entretanto, determinaria a ascensão de alma alguma a um dos sete estágios celestes ou sua queda nas regiões abismais dos sete infernos? E quem ou o que no-lo confirmaria? Detínhamos o poder de julgar e gerir sobre a vida e morte dos nossos semelhantes, pela avaliação do que fossem acusados e do que apresentassem em suas defesas. Mas, que poder ou força suprema seria capaz de vislumbrar a verdade para dar legitimidade ao julgamento e garantir a execução da sentença relativa à sua alma?

Os povos, as crenças e as religiões evoluíram. Jesus derrubou os ídolos e deuses de pedra e consolidou a soberania de Deus Pai e Sua misericórdia infinita. Mas, somente com o advento da Doutrina Espírita, tivemos a mais clara, concisa, justa e lógica visão da Justiça Divina. É o que encontramos no livro O CÉU e O INFERNO, de Allan Kardec.

1. Histórico da Obra

Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, o apóstolo da renovação humana, atendendo as indagações da humanidade lançou em Paris (França), no dia **1º de agosto de 1865**, uma de suas mais notáveis obras: O CÉU E O INFERNO ou “A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO”, o desdobramento da QUARTA PARTE de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, que trata “Das esperanças e consolações.”

Essa admirável obra da Codificação Espírita é a quarta pela a ordem de publicação, traduzindo o profundo senso lógico e o estilo altamente didático do autor.

Kardec divide o livro em duas partes. A primeira, intitulada de *Doutrina*, é composta de onze capítulos e trata das questões acerca da morte e da vida futura e compara as diferentes teorias religiosas e filosóficas a este respeito, com a lógica irrefutável da Revelação Espírita trazida pelos Espíritos Superiores.

O porvir e o nada, O temor da morte, O céu, O inferno, O purgatório, As penas eternas, As penas futuras, Os anjos, Os demônios, As evocações dos mortos, são temas desenvolvidos pelo mestre lionês, mostrando-nos a coerência, a lógica e o bom-senso que sempre o inspiraram durante todo o seu trabalho de pesquisas, experimentações, análises, comparações, seleções e conclusões absolutamente corretas, comentando com clareza e racionalidade esses assuntos polêmicos, sem entretanto, fomentar ou gerir polêmica de qualquer natureza.

No Capítulo VII – *As penas futuras segundo o Espiritismo*, encontramos o código penal da vida futura, resumindo a Justiça Divina em trinta e três itens, modelo de síntese e clareza. Aparentemente são bem poucos os tópicos sobre um tema de tão grande magnitude. Sobressaem exatamente a simplicidade e a lucidez como são expostos por Kardec, como a evidenciar que as coisas divinas são lógicas e simples, possibilitando o entendimento fácil do mecanismo da Lei de Causa e Efeito.

A Segunda Parte, denominada *Exemplos*, compõe-se de depoimentos. São sessenta e sete comunicações de espíritos de diversas condições evolutivas e distribuídos em oito capítulos, dando-nos detalhes, os mais diversos do que ocorre durante e após a morte do corpo físico. Em análise objetiva e lógica, o codificador classifica os comunicantes espirituais pelo seu adiantamento moral e intelectual, agrupando-os em categorias que vão desde Espíritos que gozam de relativa felicidade até às expiações terrenas, passando pelos sofrendores suicidas e criminosos.

José Jorge, em seu livro “Ilustrações Doutrinárias” – (Rio de Janeiro: CELD, 1997. Vol. 1), classifica essas comunicações

como “*autênticas, variadas, inéditas e instrutivas*. *Autênticas* – pelo critério e escrúpulo do Codificador na sua escolha. *Variadas* – pelo cuidado em apresentar as mais diversas situações dos desencarnados, a fim de que pudéssemos mirar em tamanha variedade. *Inéditas* – pois, pela primeira vez, uma doutrina se atrevia em mostrar aos homens a realidade espiritual, após a desencarnação. *Instrutivas* – porque de todas elas Kardec extrai preciosos ensinamentos para a nossa edificação moral. (...) Estão assim distribuídas:

- I – Espíritos felizes: 18 comunicações.
- II – Espíritos medianos: 6 comunicações.
- III – Espíritos sofredores: 8 comunicações.
- IV – Espíritos suicidas: 10 comunicações.
- V – Espíritos de criminosos arrependidos: 5 comunicações.
- VI – Espíritos endurecidos: 5 comunicações.
- VII – Espíritos em expiação: 14 comunicações.

Em resumo, 48 comunicações de espíritos bem parecidos conosco e 18 de espíritos felizes. (...) A cada uma das 66 comunicações, Allan Kardec aduz suas judiciosas conotações doutrinárias – de par com os espíritos colaboradores – o que significa um rico repositório de ensinamentos que o Espiritismo prodigaliza aos que se abalançam em ler essa valiosa obra.”

Assim, O CÉU E O INFERNO é um dos pilares em que se assenta a continuidade da vida, a imortalidade da alma, reforçando e comprovando, ao mesmo tempo, os fundamentos da Doutrina Espírita, recordando o ensinamento de Jesus: “O Reino de Deus está dentro de vós.”

Lendo-se esse livro com atenção vê-se que sua estrutura corresponde a um verdadeiro processo de julgamento. Na *Primeira Parte* temos a exposição dos fatos que o motivaram e a apreciação judiciosa, sempre serena, dos seus aspectos, com a devida acentuação dos casos de infração da Lei. Na *Segunda Parte*, o depoimento das testemunhas. Cada uma delas caracteriza-se

por sua posição no contexto processual. E diante dos confrontos necessários, o juiz pronuncia a sua sentença definitiva, ao mesmo tempo enérgica e tocada de misericórdia. Estamos ante um tribunal divino. Os homens e suas instituições são acusados e pagam pelo que devem, mas agravantes e atenuantes são levados em consideração à luz de um critério superior.

A 30 de setembro de 1863, como se pode ver em OBRAS PÓSTUMAS, Kardec recebeu dos Espíritos Superiores este aviso: “Chegou a hora de a Igreja prestar conta do depósito que lhe foi confiado, da maneira como praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, enfim do estado de incredulidade a que conduziu os espíritos.” Esse julgamento começava com a preliminar constituída por O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO e devia continuar com O CÉU e O INFERNO. Faltava apenas A GÊNESE para completar a obra da Codificação da 3ª Revelação.

Dois capítulos de O CÉU e O INFERNO foram publicados antecipadamente na “Revista Espírita”: o capítulo intitulado *Da Apreensão da Morte*, vigorosa peça de acusação, no número de janeiro de 1865, e o capítulo *Onde é o Céu*, no número de março do mesmo ano. Apareceram ambos como se fossem simples artigos para a Revista, mas havia uma nota final anunciando que ambos pertenciam a uma “nova obra que o Sr. Allan Kardec publicará proximamente.”

Em setembro a obra já aparece anunciada como à venda. Kardec declara que, não podendo elogiá-la nem criticá-la, a Revista se limitava a publicar um resumo de seu prefácio, revelando o seu conteúdo. Os capítulos antecipadamente publicados aparecem, o primeiro com o mesmo título com que saíra e o segundo com o título reduzido para *O Céu*.

Estava dado o golpe de misericórdia nos dogmas fundamentais da teologia do cristianismo formalista, tipo inegável de sincretismo religioso com que o Cristianismo verdadeiro, essencial e não

formal, conseguira penetrar na massa impura do mundo e levedá-la à custa de enormes sacrifícios. Kardec reafirma o caráter científico do Espiritismo. Como ciência de observação a nova doutrina enfrenta o problema das penas e recompensas futuras à luz da História, estabelecendo comparações entre as idealizações do céu e do inferno nas religiões anteriores e nas religiões cristãs, revelando as raízes históricas, antropológicas, sociológicas e psicológicas dessas idealizações e denunciando os absurdos a que chegara a imaginação teológica na formulação dos dogmas cristãos.

No prefácio dessa obra, feito por José Herculano Pires e traduzida pelo mesmo e editada pela LAKE, ele afirma: “O capítulo primeiro de O CÉU e O INFERNO intitula-se *O Futuro e o Nada*. Esse título coloca o leitor em face das duas alternativas fundamentais do espírito. Kardec se revela ao mesmo tempo cartesiano e shakespeariano quando evoca o dilema: *Ser ou não ser, eis a alternativa*. Mas, ao mesmo tempo, se opõe, com a antecedência de mais de um século, à tese do nada que surgirá ali mesmo, na França, com a filosofia existencial de Jean-Paul Satre, o teórico da frustração e da nadificação do homem.

O que mais impressiona nesse processo jurídico é a objetividade da acusação. Não estamos diante de um tribunal romano, onde as normas do Direito se subordinam às exigências imediatistas do Império, mas perante um tribunal grego do mundo socrático, onde o juiz implacável pergunta a todo instante: o que é isso? e exige definição precisa segundo as leis da maiêutica. Essas comparações não são retóricas, são simplesmente históricas. O processo lógico de Kardec segue as linhas dialéticas da busca socrática da verdade, segundo a exposição platônica. O juiz que pontifica neste tribunal não enverga a toga impura de Anito, mas a túnica de Platão.

A comparação do inferno pagão com o inferno cristão é um dos mais eficazes trabalhos de mitologia comparada que se conhece. A mitologia cristã se revela mais grosseira e cruel que a pagã.

Bastaria isso para justificar o Renascimento. O mergulho da humanidade no sorvedouro medieval levou a natureza humana a um retrocesso histórico só comparável ao do nazi-fascismo em nosso tempo. Os intelectuais materialistas assustaram-se com o retrocesso dos homens nos anos 40 do nosso século e puseram em dúvida a teoria da evolução. Se houvessem lido esse livro de Kardec saberiam que a evolução não se processa em linha reta, mas em ascensão espiralada. Os teólogos medievais estavam racional e moralmente atrasados em relação aos teólogos gregos porque representavam uma camada de população ainda não atingida pelas luzes da cultura helênica. A evolução do homem na Terra está sujeita às vicissitudes da superposição periódica de camadas populacionais inferiores que precisam aflorar na superfície cultural para se beneficiarem. A queda do Império Romano foi um momento de superposição dos bárbaros, que precisavam abeberar-se na cultura clássica. No episódio aparentemente inexplicável do nazi-fascismo tivemos um novo afloramento dos instintos bestiais do homem. Esses instintos ainda estão presentes em nosso mundo de pós-nazismo, mas vão sendo caldeados na ebulição cultural dos nossos dias. Nenhuma imagem explicaria melhor essa situação que a do caldeirão medieval, formulada por Wilhelm Dilthey.”

Vemos assim que esse livro de Kardec tem muito para ensinar, não só aos espíritas, mas também aos luminares da inteligência neo-pagã que perdem o seu tempo combatendo o Espiritismo, como gregos e romanos combateram inutilmente o Cristianismo. O processo espírita se desenvolve na linha de seqüência do processo cristão. A conversão do mundo ainda não se completou. Cabe ao Espiritismo dar-lhe a última demão, como desenvolvimento natural, histórico e profético do Cristianismo em nosso tempo. A leitura e o estudo sistemático desse livro se impõem a espíritas e não-espíritas, a todos que realmente desejam compreender o sentido da vida humana na Terra.

Mesmo entre os espíritas, *O Céu e O Inferno* é quase desconhecido. A maioria dos que o conhecem nunca se inteirou

do seu verdadeiro significado. Kardec nos dá, nas suas páginas, o balanço da evolução moral e espiritual da humanidade terrena até os nossos dias. Todavia, ao mesmo tempo, estabelece coordenadas da evolução futura. As penas e recompensas de após-morte saem do plano obscuro das superstições e do misticismo dogmático para a luz viva da análise racional e da pesquisa científica. É evidente que essa pesquisa não pode seguir o método das ciências de mensuração, pois o seu objeto não é material, mas segue rigorosamente as exigências do espírito científico moderno e contemporâneo. O grave problema da continuidade da vida após a morte despe-se dos aparatos mitológicos para mostrar-se com a nudez da verdade à luz da razão esclarecida.

Como ciência de observação o Espiritismo nos oferece a análise de Kardec na Primeira Parte do volume. Como ciência de pesquisa nos oferece a Segunda Parte, em que vemos Kardec investigar objetivamente a situação dos espíritos após a morte. Como ele acentua incessantemente, as penas e recompensas que são as conseqüências naturais do comportamento humano na Terra, não aparecem aqui como alegorias ou suposições elaboradas pela mente, porém como o resultado da pesquisa mediúnica, da investigação direta da situação dos espíritos através das suas próprias revelações. E essas revelações não são gratuitas nem colhidas ao acaso: são provocadas pelo experimentador através de anos de trabalho árduo e paciente. Mais de um século depois de realizado, esse trabalho é hoje sancionado pelas investigações recentes, não só no meio espírita mas também no campo das investigações parapsíquicas.

A imparcialidade de Kardec e o seu amor pela pesquisa, a sua confiança na eficiência da investigação científica transparecem a cada instante. Charles Richet teve razão ao reconhecer a vocação científica do codificador do Espiritismo. Dando ao inferno e ao céu os seus contornos reais, com base nos resultados da sua investigação, Kardec não repudia o dogma do purgatório,

o mais suspeito da estrutura teológica arbitrária porque introduzido tardiamente no sistema dogmático católico, mas aceita-o e justifica-o. O purgatório é a Terra, o lugar determinado e circunscrito em que purgamos as nossas imperfeições, encarnados ou desencarnados.

A doutrina teológica dos anjos e demônios é submetida também à prova dupla da análise racional e da pesquisa científica. A conclusão é límpida e certa: somos demônios quando estamos saindo da animalidade para a espiritualização e somos anjos quando saímos da humanidade para a angelitude. Mas isso não é uma idéia, uma hipótese, o produto de uma elocubração mental ou de uma interpretação arbitrária de textos sagrados. É o resultado da observação e da pesquisa. Milhares de criaturas espirituais observadas, interrogadas, submetidas à experiência mediúmica forneceram os tipos psicológicos e morais da escala espírita, numa verdadeira classificação psíquica aplicável não só aos espíritos, mas também à tipologia humana.

2. Obras Subsidiárias ao Estudo do Livro “O Céu e O Inferno”

- a. *Depois da Morte* – Léon Denis – Ed. FEB.
- b. *Deus castiga?* – Cairbar Schutel / Helena Craveiro – Ed. PETIT.
- c. *Justiça Divina* – Emmanuel / Francisco C. Xavier – Ed. FEB.
- d. *Estudos Espíritos* – Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco – Ed. FEB.
- e. *Justiça e felicidade* – Walter Barcelos – Ed. DIDIER.
- f. *Leis Morais da Vida*. Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco – LEAL.

3. Sugestão para Roteiro de Estudo de “O Céu e O Inferno”

O estudo, individual ou em grupo, de qualquer obra exige dedicação, perseverança, espírito de equipe, determinação e assiduidade.

Para o **estudo individual**, anotamos as seguintes sugestões:

- Escolha o(s) dia(s) e hora certa para o estudo e tenha isso como compromisso inadiável.
- Isole-se, o quanto possível, em lugar arejado e confortável.
- Caso goste de estudar com música, escolha somente as instrumentais, clássicas, suaves, sem ritmos fortes.
- Tenha à mão tudo o que vai precisar durante o estudo: água, suco, caderno de anotações, lápis, caneta, régua, dicionário e obras subsidiárias para consultas.
- Desligue seu celular e só interrompa o estudo em caso de legítima necessidade e se o fizer no meio da lição, ao voltar recomeça do começo.
- Leia pausadamente e em voz alta todo o item ou capítulo a ser analisado. Depois, leia-o devagar, analisando cada frase, período e parágrafo, anotando suas conclusões, antes de passar para adiante.
- Ao terminar um capítulo, releia-o e depois as anotações que você fez, desde o começo do estudo.
- Nunca perca a chance de discutir o que está estudando com pessoas estudiosas e cômicas, que possam auxiliá-lo a dirimir dúvidas e ampliar suas conclusões.
- Somente opte pelo estudo simultâneo de dois ou mais livros (consideramos três, o máximo ideal), se correlatos no assunto.

- Complemente seus estudos com leitura / pesquisa em periódicos como jornais, revistas, mensagens e palestras, congressos e simpósios.

Para o **estudo em grupo**, sugerimos os procedimentos abaixo:

- Todo grupo de estudo tem seu coordenador. Mas, lembre-se de que você é tão responsável pelo grupo e pelo estudo quanto ele.
- É ideal que todos tenham o livro em questão e que estudem, em casa, a pauta da próxima reunião.
- Seja assíduo, ativo, participativo e interessado por tudo e por todos.
- Se tiver mais facilidade de compreensão, auxilie o quanto possível e sem tomar o lugar do coordenador, no esclarecimento dos colegas.
- O estudo de cada capítulo deve ser programado com antecedência mínima de sessenta dias, dividindo seus itens ou focos de interesses com cada participante do grupo ou de dois a dois, três a três, conforme a possibilidade e disponibilidade.
- Aos participantes do grupo, não relacionados para exposição de itens / aula, peça para pesquisarem sobre o assunto em obras subsidiárias, apresentando, oportunamente, pequenos relatórios ou comentários, identificando a fonte.

A título de exemplo desta sugestão, tomemos o Cap. 1 da Primeira Parte de *O Céu e o Inferno: O Porvir e o Nada*.

1ª Aula = Itens de 1 a 9

Duração = 60 minutos

Desenvolvimento = Os integrantes do grupo, encarregados de desenvolverem os itens, terão, cada um, cinco minutos para fazê-lo. No tempo restante, outros membros dissertarão sobre as diferentes doutrinas citadas, com base nas pesquisas em obras

subsidiárias, como *O Livro dos Espíritos*, *Depois da Morte*, etc.

2ª Aula = Itens de 10 a 14

Duração = 60 minutos

Desenvolvimento = Cada expositor de item, terá cinco minutos para falar. Em seguida, pede-se a cada participante que faça uma breve conclusão do capítulo e o coordenador encerra com suas conclusões finais.

Cada passo que damos rumo ao desconhecido, é uma vitória alcançada. Assim, cada página lida, cada parágrafo analisado, cada frase compreendida, é luz imperecível a iluminar-nos a estrada da evolução.

4. Sugestão de Roteiro Para Palestra

Tema: JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES

1º. “Nem favores, nem privilégios que não sejam o prêmio ao mérito; tudo é medido e pesado na balança da Estrita Justiça.”

O CÉU E O INFERNO, 1ª parte, Cap. 3, 13.

2º. O que a Doutrina Espírita não aceita em hipótese alguma é a crença do castigo eterno, que é dogma na maioria das religiões tradicionais da Terra.

3º. A alma ou espírito sofre na vida espiritual as conseqüências das imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal.

O CÉU E O INFERNO, 1ª parte, Cap. 7, 1º

4º. A duração do castigo depende da melhoria do espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita.

O CÉU E O INFERNO, 1ª parte, Cap. 7, 13

5°. O arrependimento acarreta o pesar, o remorso, sentimento doloroso que é a transição do mal para o bem, da doença para a saúde moral.

O CÉU E O INFERNO, 2ª parte, Cap. 6

6°. O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si: são precisas a expiação e a reparação.

O CÉU E O INFERNO, 1ª parte, Cap. 7, 16

7°. Deus lhes impõe a reencarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, perg. 132

8°. PROVAÇÃO: É a experiência requerida ou proposta pelos guias espirituais antes do renascimento corporal do candidato, examinando suas fichas de evolução, avaliadas as suas habilidades e suas probabilidades de vitória e os recursos ao seu alcance para o cometimento. Apresenta-se como tendências, aptidões, limites sob controle, dores suportáveis e alegrias sem exageros, que facultam a mais ampla colheita de resultados educativos. Nada é imposto, podendo ser alterado o calendário das ocorrências.

Joanna de Ângelis. PLENITUDE, Cap. 3, § 9

9°. EXPIAÇÃO: É imposta, irrecusável, por constituir a medicação eficaz, a cirurgia corretiva para o mal que se agravou. Limitações orgânicas, paralisias, certos tipos de loucura, cânceres e idiotia. Reportam suicídios, homicídios, adultérios, explorações da vida (tráfico, sexo, álcool, jogos de azar, chantagem, etc.).

Joanna de Ângelis. PLENITUDE, Cap. 3, §. 21 e 24.

10°. A perfeição é meu destino.

Chico Xavier: O Espírito.

Livro: AULAS DA VIDA

5. Conclusão: Importância de Estudar a Obra “O Céu e O Inferno”

A importância desse livro é maior do que realmente se pensa. No tocante à Teologia, O CÉU e O INFERNO antecipou em mais de um século as transformações que ora se operam no seio das várias igrejas. Se os teólogos, que pretendem ser homens mais do que homens, como Descartes os classificou, pudessem ter a humildade suficiente para consultá-lo, encontrariam nestas páginas a solução dos seus mais angustiantes problemas.

Qual o ser humano que ainda não se preocupou com a questão da morte e o que haveria após o túmulo? Quem não pensou sobre a possibilidade ou a existência do céu e do inferno?

Essas questões sempre foram motivo de preocupação do homem desde a mais remota antiguidade, gerando dúvidas e incertezas ante o porvir que então se fazia verdadeiro mistério.

Todas as religiões antigas e tradicionais falam de um céu paradisíaco e também de um inferno, região de dores e sofrimentos eternos em regiões de abismos insondáveis.

Analisando o panorama cultural de seu tempo, Kardec constatou que três sistemas de idéias procuravam explicar a sorte da alma após a morte:

- O primeiro deles, o NIILISMO, apregoando que com a morte do corpo tudo se acaba, não havendo qualquer fundamento para crenças e valores ou mesmo qualquer sentido para a existência humana.
- O segundo, o PANTEÍSMO, afirmando que com a morte do corpo aquilo que chamamos alma, será absorvido no todo universal, nada mais restando de sua individualidade e identidade.
- Em terceiro lugar, as doutrinas religiosas acreditando, todas,

na sobrevivência da alma, na conservação de sua identidade e individualidade e também num sistema de penalizações e recompensas às ações humanas durante a vida corpórea.

Aos sistemas niilista e panteísta, Kardec opõe argumentos de uma lógica irretocável, demonstrando que não atendem as exigências da razão e que, além disso, se adotados pela maioria, promoveriam a dissolução da sociedade, uma vez que trariam como conseqüência, a supressão da responsabilidade pelos atos praticados em vida, a abolição do dever de solidariedade e fraternidade e todo estímulo ao progresso individual e coletivo.

As doutrinas religiosas vêm defendendo a sobrevivência da alma e um sistema de penas e recompensas futuras estão, segundo Kardec, mais de acordo com as aspirações da alma humana e com a crença instintiva que tem o homem numa vida após a morte. Todavia, observa o mestre lionês, elas contêm uma grande dose de fantasia, divergindo muito quanto à natureza das penas e gozos e principalmente sobre as condições determinantes de umas e outras, daí nascendo os diferentes cultos e os diferentes deveres ensinados como necessários para evitar o inferno e alcançar o céu.

Observa ainda Allan Kardec, no prefácio da obra, que as idéias religiosas vem perdendo terreno e se mostrando “impotentes para sustar a incredulidade.” Isto porque algo lhes falta. “E o que lhes falta neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer é, sem dúvida, a sanção de suas doutrinas pelos fatos positivos assim como a concordância das mesmas com os dados positivos da ciência(...)”

Mais adiante diz ele que “É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à difusão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura.”

Continuando, declara que a doutrina dos Espíritos sobre o futuro não é uma obra de imaginação, mas sim o resultado da observação dos fatos, principalmente pela pesquisa mediúnica que nos coloca em contato direto com a realidade pulsante da vida de além-túmulo, revelando-nos a sorte daqueles que se foram e que vêm nos esclarecer sobre sua atual condição, da natureza de seus sofrimentos ou de sua felicidade e do que dependeram este sofrimento ou esta felicidade.

Finalizando, o Codificador afirma que a vida futura, conforme o ensino dos Espíritos Superiores, não é mais uma hipótese mas uma certeza e que esta certeza quanto à sorte futura das almas “será o primeiro ponto de contato dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a fusão completa.”

VI - “A Gênese”

Joamar Zanolini Nazareth

1. Histórico da Obra

“O Livro dos Espíritos” se constitui na obra basilar do Espiritismo, e seu lançamento, em abril de 1857, assinala a data de surgimento da Doutrina Espírita na Humanidade. As quatro partes – ou quatro livros - em que se divide:

Parte Primeira – Das Causas Primárias (Deus, criação, elementos gerais do Universo, etc.);

Parte Segunda – Do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos (Espíritos, encarnação, pluralidade das existências, vida espiritual, etc.);

Parte Terceira – Das Leis Morais (Lei Divina, Lei do Progresso, Lei de Justiça, Amor e Caridade, etc.);

Parte Quarta – Das Esperanças e Consolações (Penas e Gozos Terrestres e Futuros) foram desdobrados nas quatro outras excepcionais obras que compõem e completam o chamado “Pentateuco Kardequiano” ou as denominadas “Cinco Obras Básicas da Codificação”. Há outras obras introdutórias ao estudo da Doutrina, que também se fundamentam em “O Livro dos Espíritos”, apesar de não incluídas no Pentateuco, base da codificação.

A maturidade dos anos, a experiência com o avançar ligeiro e intrépido das idéias espíritas foram aprofundando as análises, elucidações e compreensão das instruções dos espíritos, destacando-se que sem jamais fugir ou destoar dos princípios básicos declinados em “O Livro dos Espíritos”.

Primeiro veio à lume “O Livro dos Médiuns” em 15 de janeiro de 1861, desdobrando a Parte Segunda – a partir do capítulo VI -; depois nasceu “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de abril de 1864, decorrência da Parte Terceira. Em 1º de agosto de 1865, foi lançado “O Céu e o Inferno” – A Justiça Divina segundo o Espiritismo -, relacionando-se à Parte Quarta, e finalmente, em 6 de janeiro de 1868 lançava Allan Kardec “A Gênese” – Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo -, o último livro da codificação, pouco mais de um ano antes de sua desencarnação.

O primeiro fato interessante é saber que “A Gênese” é desdobramento da Parte Primeira, alguns capítulos - IX, X e XI - da Parte Segunda e partes esparsas da Parte Terceira.

O segundo fato é verificar que a obra que decorre da primeira parte de “O Livro dos Espíritos” foi justamente a última a ser escrita pelo insigne codificador. E entre as cinco obras que formam a base da codificação, “A Gênese” é que desenvolve sentido mais amplo, refletindo sobre questões relacionadas a Deus, a formação da Terra, gênese orgânica e espiritual, inserindo questões ligadas ao Evangelho do Cristo, fluidos, milagres e predições, etc.

Encontramos na introdução à primeira edição algumas observações de Kardec que esclarecem a opção por ser tal obra a última dentre as basilares do Espiritismo, escrita quase onze anos depois do lançamento da primeira. Podemos destacar as palavras, a seguir, do mestre lionês, explicando a sua opção por deixar por último a obra que trabalha o pensamento humano acerca de questões tão essenciais e fundamentais:

Os materiais se achavam prontos, ou, pelo menos, elaborados desde longo tempo; mas, ainda não chegara o momento de serem publicados. Era preciso, primeiramente, que as idéias destinadas a lhes servirem de base houvessem atingido a maturidade e, além disto, também se fazia mister levar em conta

a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não encerra mistérios, nem teorias secretas; tudo nele tem que estar patente, a fim de que todos o possam julgar com conhecimento de causa. Cada coisa, entretanto, tem que vir a seu tempo, para vir com segurança (in A Gênese, Allan Kardec, 25. ed. Rio de Janeiro/RJ. Edit. FEB, 1982).

Lembra o codificador que O Livro dos Espíritos já completara seu primeiro período decenal, e que seus princípios fundamentais, sem exceção, permaneceram de pé e mais vivos que nunca, apesar de inúmeras tentativas contraditórias. E se prestando ao papel de base, permitem serenamente ser complementados e desenvolvidos em função da progressividade do ensino dos Espíritos. É o chamado controle universal dos espíritos, cujo senso coletivo consolida os ensinamentos e esclarecimentos abraçados pelo Espiritismo. Como diz Kardec, *essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade* (idem) e sacramenta tal dispositivo, como de especial segurança da qualidade doutrinária: ... *todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade* (idem).

Mostra-nos o bom senso, razão e lógica, peculiares ao iluminado trabalho do Prof. Rivail, a ele confiado pelo Cristo. Sendo questões tão amplas e de cunho científico, aguardou Allan Kardec o maior amadurecimento da obra e de seus novos adeptos para fortalecer este aspecto – científico – e preparar os profíctos a enfrentarem a verdade “de frente”, desfraldando a bandeira espírita em seu tríplice aspecto – ciência, filosofia e religião -. Com o surgimento da quinta e última obra das cinco clássicas estava a doutrina nascente aparelhada para se impor como Ciência Espírita, Filosofia Espírita e Religião Espírita.

2. Obras Subsidiárias Para Estudo de “A Gênese”

O estudo de “A Gênese” deve ser criterioso e metódico, dando-se plena atenção aos raciocínios lógicos de nosso codificador, tratando-se de temas tão profundos e que foram explorados de maneira indevida no passado pelas religiões interessadas no poder temporal, fazendo de tais fatos instrumento de manobra das massas crédulas e primárias no entendimento da vida e de Deus.

O primeiro passo é o estudo do próprio livro. Quando falamos em estudo não estamos dizendo uma simples leitura.

Quando se efetuam pesquisas junto aos freqüentadores da casa espírita e mesmo entre trabalhadores e tarefeiros da seara espírita verificamos com preocupação que não chega a 25% (vinte e cinco por cento) o número daqueles que já leram a obra “A Gênese”. Ressalte-se aqui que falamos em simples leitura. Se levantamos junto aos que leram o número daqueles que estudaram tal obra, seja em casa, seja no grupo espírita, mais preocupados ficaremos pois concluiremos que mal chega a 20% (vinte por cento) dos leitores. Ao final concluiremos que não chega a 5% (cinco por cento) dos espíritas aqueles que estudaram “A Gênese”.

Por isso, repetimos: o primeiro passo é o estudo do próprio livro. Para complementar tal estudo ou mesmo auxiliar em seu próprio estudo temos inúmeros livros que analisam e desdobram seu conteúdo, ou aqueles que se referem a alguma parte ou matéria ali contida. Fazer uma relação completa demandaria a inclusão de muitos livros que possuem pequenas referências e levaria o adepto a mesclar temas outros que não os constantes na quinta obra da codificação. Na busca pelo amadurecimento compete ao aprendiz pesquisar e “garimpar” na já extensa relação

de livros espíritas aqueles que possam acrescer no estudo dos temas contidos na obra.

Sugeriremos alguns livros que desenvolvem o conteúdo da última obra de Allan Kardec ou parte dela, pois como é aquela que desenvolveu sentido mais amplo e abarcou questões de cunho mais diverso, é natural que haja livros que explorem e reúnam aquelas mais afins, deixando outros para diferente trabalho.

Auxiliando o estudo de “A Gênese”, podemos sugerir:

- a) *A Caminho da Luz*. Francisco Cândido Xavier/Emmanuel, FEB;
- b) *A Memória e o Tempo*. Hermínio C. Miranda, Edicel;
- c) *A Reencarnação*. Gabriel Delanne, FEB;
- d) *Coleção da Revista Espírita*. Allan Kardec, Edicel;
- e) *Cristianismo e Espiritismo*. Leon Denis, FEB;
- f) *Deus na Natureza*. Camille Flammarion, FEB;
- g) *Emmanuel*. Francisco Cândido Xavier/Emmanuel, FEB;
- h) *Evolução Anímica*. Gabriel Delanne, FEB;
- i) *Evolução em Dois Mundos*. Francisco Cândido Xavier/ André Luiz, FEB;
- j) *Introdução à Filosofia Espírita*. J. Herculano Pires, FEESP;
- k) *Missionários da Luz*. Francisco Cândido Xavier/André Luiz, FEB;
- l) *No Mundo Maior*. Francisco Cândido Xavier/André Luiz, FEB;
- m) *O Grande Enigma*. Léon Denis, FEB;
- n) *O Livro dos Espíritos*. Allan Kardec, várias editoras.

Há muitas outras obras onde encontraremos estudos isolados dos temas expostos no livro da codificação. Entre os livros em geral, de autoria de Emmanuel/Francisco Cândido Xavier, de Joanna de Ângelis/Divaldo Pereira Franco, de Herculano Pires, de André Luiz/Francisco Cândido Xavier, de Manoel

Philomeno de Miranda/Divaldo Pereira Franco, de Humberto de Campos-Irmão X/Francisco Cândido Xavier, de outros médiuns consagrados e também de criteriosos escritores encarnados temos muito material de estudo. São muitas explicações e análises em meio a outros temas presentes nas demais obras da codificação. Somente o estudo e a busca do sincero aprendiz é que o gabaritará no conhecimento de temas basilares de nossa Doutrina Espírita. Colocar muitos livros estenderia em demasiado a lista e poderíamos incorrer na injustiça de deixar de fora, alguns pelo simples fato de ainda não os termos estudado, ou incluirmos algum pelo título do livro ou de seus capítulos, sem conhecê-los a fundo, incorrendo no risco inverso de recomendar títulos que possam não ser saudáveis e conter muitos equívocos. Mas pela relação acima se infere o grande volume de material que já temos, de início, para complementar o estudo de “A Gênese”.

3. Sugestão de Roteiro de Estudo de “A Gênese”

Os temas escolhidos por Kardec para compor o trabalho de seu último livro são vibrantes e trilham questionamentos que devem compor o rol das reflexões constantes dos profíctes sinceros do Espiritismo, imbuídos da disposição firme de se auto-renovarem e colaborarem na construção do mundo melhor, galardão a que estamos convocados neste Terceiro Milênio.

O livro foi dividido em três partes: *A Gênese*, *Os Milagres* e *As Predições*.

Em *A Gênese*, dividida em doze capítulos, são tratados assuntos quanto à existência de Deus, do bem e do mal, surgimento do Universo, da Terra, dos elementos materiais e do comparecimento do ser espiritual à nossa escola planetária. É a união da ciência com o espírito, e como se lê no frontispício da obra, nas palavras do codificador: *A Ciência é chamada a*

constituir a Gênese de acordo com as leis da Natureza.

Em *Os Milagres*, dividida em três capítulos, são conduzidos temas acerca da existência dos milagres, dos fluidos e na análise dos ditos milagres no Evangelho, estudando os inúmeros momentos em que Jesus maravilhou a todos com fenômenos inexplicáveis à época. Aqui extraímos as seguintes palavras do mestre lionês: *Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas.*

E finalmente em “As Predições”, dividida esta parte em três capítulos. Os temas são de profunda introspecção para todos nós, espíritas devotados ao objetivo de nossa própria renovação e de nossa escola planetária, pois tratou aqui o querido codificador das predições contidas no Evangelho e aquelas trazidas pelos mensageiros superiores da Espiritualidade, relacionadas aos novos tempos. Qual o papel da então doutrina nascente? Confiar no Criador e no planejamento do trabalho pelo Alto não é questão de credulidade, e sim de inteligência e bom senso, pelos sinais que temos recebido.

Essa última e terceira parte, do último livro da codificação, e justamente trazendo a questão de que **são chegados os tempos**, isto apenas um ano antes do retorno de Kardec à vida espiritual, fechou com chave de ouro o trabalho da codificação, indicando o início de uma fase na qual ingressamos, onde temos que nos conscientizar de nossa condição de espíritos eternos, porém ainda jungidos a questões transitórias, escravos de desejos e maus hábitos que temos que combater. A primeira e principal bandeira do Espiritismo, revivescência do Evangelho, é a do AMOR. E o caminho principal para desfraldá-la é através da **reforma íntima**, da **renovação moral-espiritual**. Um hino de louvor à vida e à nossa posição de criaturas de Deus destinadas à felicidade e à perfeição.

Inadiável o estudo desta obra basilar – “A Gênese” – por todos os que abraçam a causa espírita.

Os que não estudam Espiritismo se convertem em fantoches e fanáticos, facilmente manipulados pelos interesses inferiores das entidades encarnadas e desencarnadas. São os que se fascinam com a mediunidade, os que emitem conceitos equivocados e levianos dizendo-os espíritas, os que trabalham por muitos anos a fio sem promover a própria renovação, e ao cabo de uma vida dentro do centro espírita, ainda se sentem desiludidos e vazios, transferindo a culpa de sua incompetência espiritual à Doutrina Espírita, às casas espíritas e aos companheiros e companheiras de longos anos de tarefas.

Assim como fazemos com todo material sério, o estudo deve ser efetuado em duas frentes, sendo a primeira através do estudo individual, e a segunda através do estudo no grupo espírita.

No **estudo individual** - adiante formularemos algumas sugestões quando do exemplo do estudo de um tema – temos a oportunidade de esmiuçar a obra dentro de nosso ritmo de estudo e compreensão, “conversando” com o livro, lendo e relendo tantas vezes quantas se fizerem necessárias, analisando, refletindo, raciocinando sobre as palavras e conceitos estudados, formando uma opinião e um ponto de vista pessoal sobre as questões ali declinadas. A parte que desenvolvemos no estudo individual não será desenvolvida no estudo em grupo. Devemos formar a base dos ensinamentos espíritas em nossa mente, através do estudo constante e apurado, sem desânimo ou preguiça, sem má vontade ou orgulho de já nos pensarmos esclarecidos o suficiente – ledo engano e terrível perigo -. Com esta base estaremos melhor aparelhados para buscarmos melhor aproveitamento no estudo coletivo dos postulados espíritas.

O estudo deve ser inicialmente na própria obra, meditando nas idéias expostas, aproveitando o encadeamento didático dado por Allan Kardec aos assuntos, sempre partindo da premissa menor para a maior, construindo o aprendizado das idéias simples até enfrentar as mais complexas e polêmicas.

Não esqueçamos que o estudo individual é essencial ao sincero e devotado espírita, todavia é insuficiente para formar uma base sólida e madura do verdadeiro trabalhador do Cristo.

Os que somente estudam individualmente nossa doutrina, fugindo ao contato fraterno com os confrades e congreiras, se furtando de discutir seus conceitos à sã luz da análise em equipe, são os mais orgulhosos e vaidosos, se arvorando em senhores do Espiritismo, defensores da pureza doutrinária, os que transferem para dentro do movimento espírita todas as injunções políticas, usando de recursos baixos e lamentáveis para deter poder e dominar a outros. A mente repleta de cultura, contudo mal dirigida, pode ser pior do que a ausência do conhecimento. Os estragos são maiores, os danos às pessoas e aos grupos são mais profundos e marcam mais os corações.

Mister se faz a participação nos estudos em grupo na casa espírita, onde os variados pontos de vista são expostos e debatidos com respeito e fraternidade, sem espírito de dominação das idéias e interpretações. Quando as várias criaturas que laboram na “colméia” de trabalho, que é o centro espírita, se reúnem para estudar coletivamente os postulados do Espiritismo, cada qual colaborando com seu entendimento, com sua experiência e com sua compreensão pessoal, começa a surgir no grupo o interesse coletivo se sobrepondo ao individual; as idéias se aclaram; a interpretação se expande e se alarga, desfazendo dogmas e mal-entendidos, onde cada opinião deve ser respeitada e onde os mais esclarecidos não ensinam e, sim, auxiliam aos irmãos e irmãs de ideal a construírem o próprio aprendizado. Esta é a proposta educadora e renovadora de Jesus.

O melhor é que a casa espírita tivesse reuniões diversas, atendendo as necessidades de horário e sobretudo *aplicando metodologias variadas* que permitam atingir o objetivo de dar conhecimento e entendimento da Doutrina Espírita a todos os seus prosélitos. Entendendo, porém, as dificuldades quanto

ao número de tarefeiros e dimensões dos grupos, sabemos que temos que nos adaptar às circunstâncias. No entanto, isso jamais servirá de desculpa para que qualquer instituição espírita não tenha sequer uma reunião de estudos.

Quanto aos espíritas, devem se esforçar ao máximo e buscar participar de tais reuniões, sob pena de serem improdutivos e despreparados para atender à multidão que chega para buscar o lenitivo e o esclarecimento acerca da vida. Aliás, despreparados até para atenderem as próprias necessidades. Temos observado a torrente de espíritas se queixando das dificuldades, alguns abandonando o barco do serviço cristão, outros se deprimindo, outros mais chorando e lamentando os óbices do caminho... Sinal inequívoco de que ainda não apreenderam o alcance da revelação espírita e suas implicações na vida dos que são bafejados por sua brisa renovadora. Não que apenas o estudo lhes propicie o conforto e consolo, mas o trabalho, aliado à melhor preparação do trabalhador, efetua vãos mais amplos, gabaritando o servidor a ser um fiel soldado nos exércitos do bem e do amor, comandados por nosso Mestre Jesus.

Havendo possibilidade de criação de um elenco de atividades voltadas para o estudo da Doutrina Espírita, podemos aqui sugerir que se criem reuniões atendendo a metodologias diferentes.

Por exemplo, em determinadas instituições já convivem várias reuniões de estudo, adotando formas não semelhantes, tais como:

- Círculos de estudo, onde o estudo se baseia na seqüência da obra estudada, privilegiando as obras básicas da codificação. Assim, estuda-se “O Livro dos Espíritos” questão a questão. “O Evangelho Segundo o Espiritismo” na ordem dos capítulos e itens, e assim por diante. Aqui os estudantes passam a conhecer a intimidade do livro e apreendem-lhe a fonte de saber exarada pelo autor. Outra vantagem é que nesta modalidade opta-se pela mesa-redonda, onde todos podem

intervir a qualquer momento. Mantém-se o expositor, que apresenta o tema e provoca as discussões, diferenciando-se basicamente neste ponto do ESDE;

- Reuniões públicas de estudo, onde é desenvolvido um temário, programando-se estudos e palestras que privilegiam os temas. Nesse método podem ser efetuados cursos, ou escolher-se o tema sempre central, que será objeto da escala de expositores. Desenvolvendo-se o tema, como nessa opção, o orador explorará diversas obras de diversos autores, comparando as opiniões e conclusões, enriquecendo o conhecimento de determinado assunto. Assim estudamos temas sobre reencarnação, mediunidade, família, etc.;
- Reuniões públicas específicas para estudo de determinadas obras, com semelhanças com o círculo de estudos, só que aqui há um orador que explana e comenta o assunto no método sala de aula. Há possibilidade de intervenção dos assistentes, porém há um caráter mais formal que reduz um pouco a participação. Mas também importante, porque há muitas pessoas que se sentem melhor em meio ao público, garantida sua discricção e outras gostam do sistema professor-aluno;
- Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, pelo método de apostilas, mesa-redonda, com material bem elaborado. Temos as apostilas da Federação Espírita Brasileira, da FEESP, e outros cursos no mesmo sistema, em forma de livros, publicados por algumas editoras. Há material de boa qualidade, podendo se optar por um deles. O cuidado é fazer uma análise das apostilas ou livros para que a escolha recaia sobre obras voltadas às questões básicas da Doutrina, evitando-se aquelas que levantem questões polêmicas, tentando dirigir a opinião dos estudantes. O mais difundido e que tem a chancela de nossa casa máter são as apostilas da FEB, que inclusive recentemente deflagrou

uma campanha para que todas os grupos espíritas do Brasil implantem o ESDE até 2010. É um método já consagrado e que traz inúmeros benefícios, incentivando o estudo e a análise crítica dos participantes. Aqui não há explanação, havendo a leitura dirigida e a participação constante de todos na formulação das conclusões, que são coletivas, da turma.

Todas as modalidades acima e outras que porventura possam ser implantadas na instituição representam uma chama de amor e sinceridade que se acende na equipe.

Encerramos este tópico alertando que o estudo em grupo não dispensa o estudo individual.

Os que somente estudam em grupo, junto aos confrades e congreiras, muito aprendem e se desenvolvem, porém ressentem-se de maior senso crítico, pois acabam mais facilmente sendo influenciados e levados a absorver idéias levadas prontas pelos demais. A base prévia que o estudo individual consolida no estudante possibilita-lhe maior aproveitamento e desenvolve-lhe o senso crítico, e ao participar do estudo em grupo, gera um campo de discussões sadias e motivadoras. Aqueles que somente participam do estudo coletivo podem cair no grupo dos “bonzinhos” e passivos, geralmente concordando com os mais estudiosos e que sabem melhor trabalhar com as palavras. Estes melhoram bastante seu potencial, porém não evitam equívocos que não resistiriam perante visão mais crítica. Dentre os três itens aqui explorados, de qualquer modo são os que causam menos problemas, mas ainda assim os causam.

4. Sugestão de um Tema de “A Gênese” Para Estudo

Tema escolhido: **A Nova Geração**. (Na Terceira Parte, Capítulo XVIII, itens 27 a 35, último assunto tratado no livro).

Sugestões para estudo:

- a) Escolher local adequado da casa, sem música e com conforto razoável – mesa, material de escrita, caderno ou fichas, etc.
- b) Deixar ao lado um dicionário para consulta a palavras que o estudante não conheça ou não saiba claramente o significado;
- c) Fazer uma primeira leitura, para apreensão do assunto tratado e visão geral da intenção do autor;
- d) Passar para a segunda leitura, fazendo alguma anotação – na forma preferida de quem estuda, seja anotando no caderno, em fichas, ou no próprio livro – que auxilie a fixar as idéias. Atente-se para que não se tenha pressa. Pode-se demorar em cada frase, pois o importante é entender o que ali está exposto;
- e) Grifar frases conclusivas e palavras-chave na compreensão do texto. Pode-se grifar a lápis ou com uma caneta. Usar cores diferentes ajuda na captação do enunciado e a fixar o que é mais essencial no período. Evitar grifar em excesso sob pena de inutilizar os benefícios de tal prática. Se grifar demais, o básico passará a ser o que não foi grifado;
- f) Extrairemos assim a base da argumentação do autor. No tema escolhido verificamos o que Kardec destacou e podemos elaborar um rápido roteiro para apresentação de uma palestra, utilizando-nos das técnicas de estruturação de uma aula/palestra:

1) DO TEMA:

Título da aula: A NOVA GERAÇÃO.

Obs.: geralmente o título do item ou capítulo não se adequa tão bem como título do estudo. Todavia, aqui, Kardec foi imensamente feliz e objetivo na escolha do título do item inserido em “A Gênese”.

2) DOS OBJETIVOS:

Explicar aos ouvintes que a nova geração de espíritos que habitarão a Terra nestes momentos de transição e na passagem para mundo de regeneração será formada por espíritos mais esclarecidos que chegarão. Todavia a maioria será pelos que já viviam na Terra, que se esforçarem e se melhorarem, aceitando a nova diretriz dada ao planeta. Destacar também a emigração de espíritos endurecidos e que não se dará a mudança por meio de cataclismos e de “cinematográficos” holocaustos.

3) DAS ESTRATÉGIAS:

- Destacar os pontos seguintes:

- só haverá Humanidade mais feliz com espíritos mais educados;
- ocorrerá emigração de espíritos, porém somente dos mais rebeldes;
- poderão surgir conturbações, mas nada que lembre o “fim do mundo”;
- os espíritos que deixarem a Terra não estarão sendo expulsos, mas sim recambiados para escolas mais apropriadas;
- os que desejem sinceramente se renovarem e se transformarem à luz do Evangelho poderão permanecer, pois mesmo bastante imperfeitos, o ideal de cada criatura é que lhe define o destino.

- Palavras-chave no texto: EMIGRAÇÃO, RENOVAÇÃO, PROGRESSO MORAL, PARTIDAS COLETIVAS, REGENERAÇÃO e REMODELAÇÃO.

Recursos áudio-visuais a serem utilizados: Quadro-negro (se círculo de estudos) ou álbum seriado/"flip chart"/transparências (se reunião pública).

4) DA ESTRUTURA DA AULA:

4.1) INTRODUÇÃO:

- Para haver uma Humanidade feliz é preciso que habitem a Terra espíritos bons (encarnados ou desencarnados);
- Necessário se fazem mudanças profundas na sociedade, com maior educação das pessoas – espíritos encarnados;
- Como efetuar tais mudanças? Com o fim da sociedade hoje existente, iniciando Deus outra nova?
- Será preciso tão maior elevação no padrão da Humanidade? São todos os espíritos que hoje habitam o planeta almas sem ensejo de melhoria?

4.2) DESENVOLVIMENTO:

- Para alcançar este nível de regeneração terá que haver emigração de espíritos rebeldes, não desejosos de melhoria, que deverão ir para outros mundos onde possam superar o endurecimento de seus corações;
- Opera-se, presentemente, um desses movimentos para remodelação da Humanidade;
- Espíritos melhorados deverão substituir tais espíritos;
- A transformação não será por meio de cataclismos, aniquilando toda uma geração. Haverá conturbações, todavia de modo gradual e dentro da ordem natural das coisas;

- Em cada criança que nascer deverá encarnar um espírito propenso ao bem, sem efeitos sobrenaturais, uma nova geração de espíritos substituindo paulatinamente a atual geração de almas renitentes, havendo convivência por determinado tempo entre as duas gerações;
- A nova geração se distingue por inteligência e razão, juntas ao sentimento inato do bem e crenças espiritualistas, enquanto os espíritos atrasados mantêm uma revolta contra Deus;
- O afastamento dos que se obstinam em não se emendar é necessário para que os homens caminhem sem óbices para um futuro melhor;
- Emigração de espíritos não é expulsão, e sim matrícula em escola mais adequada no Universo – outros mundos. Inclusive prosseguirão recebendo assistência e poderão retornar novamente à Terra;
- *As grandes partidas coletivas, entretanto, não têm por único fim ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o espírito da massa, livrando-a das más influências e o de dar maior ascendente às idéias novas;*

4.3) CONCLUSÃO:

- A nova geração será composta de espíritos progressistas que chegam. Atenção, contudo, para o fato de que a regeneração não ocorrerá com a renovação integral dos Espíritos. Virão espíritos mais amadurecidos, mas a maioria dos que retornarem pela reencarnação serão os que já viviam na Terra, porém pensando e sentindo de outra maneira;
- Com a preparação na erraticidade, sentindo as mudanças que forem se operando no orbe e livres da má influência pertinaz de certas entidades – que serão recambiadas -,

estes espíritos experimentarão expressiva melhora em suas disposições;

- Para os materialistas, os flagelos destruidores são calamidades sem explicação racional; no entanto, para os que entendem a vida como expressão da sabedoria de Deus, não há perda em morrerem os homens juntos ou isolados, o que há é o resultado a que chegará a Humanidade.
- *A regeneração da Humanidade, portanto, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, nem sempre os que voltam são outros Espíritos; são com freqüência os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.*
- Encerrar com o otimismo e a alegria de sabermos que Deus nos ama profundamente e quer o melhor para seus filhos, e temos Jesus como Dirigente e Mestre Espiritual encarregado de nos orientar e assistir no rumo da felicidade, da paz e do amor.

4.4) BIBLIOGRAFIA:

No estudo acima preferimos, dada a natureza do presente trabalho, utilizar tão somente o livro “A Gênese”, em homenagem à grandiosidade da obra destacada, bem como estimular o leitor a buscar nas obras básicas a base para estudos e palestras.

5. Conclusão

Concluímos este singelo trabalho, esperando ter colaborado para estimular os espíritas a estudarem as obras da codificação, em especial o livro “A Gênese”.

Restou, claro, a necessidade de nos aprofundarmos no Pentateuco de Kardec para melhor compreensão do Espiritismo e para estarmos preparados para as novas informações que normalmente virão, pois esta é uma doutrina de progresso.

Aos que colocam de lado “A Gênese”, alegando que a terminologia está antiga e ultrapassada, principalmente do capítulo V ao X, e que a Ciência já avançou bem mais, lembramos que a forma muda e mudará sempre com o escoar dos séculos, porém a essência e base, fundamentadas na Lei Divina, jamais mudarão. A par de hoje nos utilizarmos de termos e jargões modernos, o estudo de tal obra nos mostra que nada do que foi descoberto nos laboratórios humanos diverge do exposto neste maravilhoso livro. Continua e continuará sempre atual em seu cerne.

Encerramos prestando nossa homenagem ao mestre lionês Allan Kardec, pela passagem de seu Bicentenário de Nascimento na Terra, louvando a Deus pela bondade de prosseguir tendo esperanças em todos nós e orando ao Divino Mestre Jesus para que tenhamos a humildade e o discernimento necessários para seguirmos o caminho da renovação pessoal e da coletividade humana. Parafraseando o sábio espírito Emmanuel em uma de suas maravilhosas obras literárias, digamos todos juntos:

“Ave, Allan Kardec!”

Notas sobre os autores:

na seqüência dos artigos apresentados.

- **Evandro Silva Martins**, expositor e dirigente do Centro Espírita Lucas Evangelista; residente em Uberlândia-MG.
- **Sílvio Divino de Oliveira**, expositor e dirigente do Centro Espírita Joana d'Arc; residente em Uberlândia-MG.
- **Belmiro Francisco Martins Paranhos**, expositor espírita.
- **Florentino Gomes de Brito**, dirigente do Centro Espírita Fraternidade Universal; residente em Uberlândia-MG.
- **José Rubens Gomes**, expositor e dirigente da Casa Espírita Lar de Maria; residente em Uberlândia-MG.
- **Luiz Bertolucci Júnior**, expositor e participante do Centro Espírita Obreiros do Bem; residente em Uberlândia-MG.
- **Nuciete Aparecida da Cruz**, expositora e participante do Centro Espírita Obreiros do Bem; residente em Uberlândia-MG.
- **Vânia Amâncio Abdulmassih**, expositora e participante do Centro Espírita Obreiros do Bem; residente em Uberlândia-MG.
- **Isabel Gervásio de Faria**, expositora e membro do Grupo Espírita Bezerra de Menezes; residente em Uberlândia-MG.
- **Roberto Inocência da Paz**, desencarnou em 2005, tendo sido expositor e dirigente do Centro Espírita Evolução em Dois Mundos; residente em Uberlândia-MG.
- **Wellington Santana Ferreira**, expositor e dirigente do CRE Pontal; residente em Ituiutaba-MG.
- **Joamar Zanolini Nazareth**, expositor e dirigente do Centro Espírita Aurélio Agostinho; residente em Uberaba-MG.

